

Pedacço de mim

histórias de mães que perderam seus filhos



Pietra Mesquita



Pedação de mim

histórias de mães que perderam seus filhos

Pietra Mesquita

PEDAÇO DE MIM: HISTÓRIAS DE MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS

Texto

Pietra Mesquita

Diagramação

Thalita Vitoria O. Santos

Ilustração

Thalita Vitoria O. Santos

Alguns elementos foram tirados
do site *www.freepik.com*

Orientação

Prof^a Dra. Patrícia Paixão

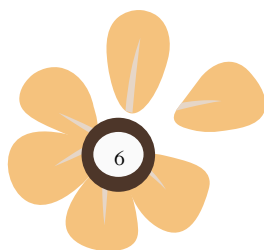
São Paulo, 2021/1

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor



Sumário

Introdução	9
Debora e Ana Luiza	13
Geane e Isaac	23
Juraci e Thiago	31
Aracelli e Miguel	41
Carolaine e Noah	57
Como prosseguir?	73





Agradecimentos

Este livro não seria hoje uma realidade se fosse só por mim, por isso quero externar minha gratidão a todos aqueles que contribuíram para a sua concretização.

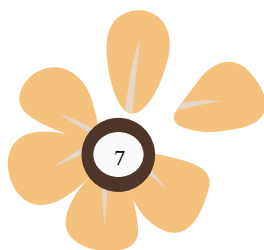
Obrigada, Débora, Geane, Juraci, Aracelli e Carolaine, por contarem suas histórias mesmo em meio à dor da perda. As nossas conversas me emocionaram e me ensinaram muito sobre o amor imensurável e a força que vocês têm. Certamente, cada relato ajudará muitas pessoas.

Obrigada, Ronaldo Coelho, psicólogo e psicanalista, por me mostrar o luto materno por meio de um olhar profissional e por disponibilizar o seu tempo para tirar minhas dúvidas. Aqui, também gostaria de agradecer à Cirlene Alves, uma amiga maravilhosa, que fez essa ponte entre mim e o Ronaldo.

Preciso enaltecer e agradecer também à Thalita Vitoria, responsável pela diagramação e ilustrações. Obrigada, Thalita, por me deixar à vontade, entender o meu olhar e executar minhas ideias de uma forma linda.

Pelas opiniões, por me ajudarem a escolher o nome do livro, as cores, por lerem meus textos e sempre me incentivarem, eu agradeço à Claudinha, minha incrível mãe, e a minha melhor amiga, Brenda Vieira.

E por toda a orientação, por me aconselhar, pelo apoio, pela ajuda, por sempre estar disponível e por tanta coisa, eu deixo meu agradecimento à minha orientadora, a professora Patrícia Paixão. O direcionamento dela foi essencial e me fez ter a certeza de que eu estava em ótimas mãos.





Introdução

Por que uma jovem de 23 anos que nunca foi mãe decide escrever um livro sobre luto materno? É o que o leitor pode estar se perguntando...

Era final de maio de 2019, quando recebi a notícia de que minha irmã mais velha, Carolaine, de 25 anos, estava esperando um bebê. Não foi uma gravidez planejada. A notícia impactou significativamente minha família.

Por morar em São Paulo e Carolaine no Rio de Janeiro, acompanhei a gestação pelas vídeo chamadas e fotos que recebia. Apesar de chegar de repente, Noah preencheu o coração de todos com muito amor e me fez uma tia muito babona.

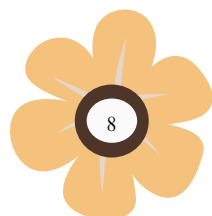
Sempre que possível eu dava um jeito de ir para o Rio para sentir ele mexer, para fazer carinho na barriga da Carolaine e acompanhar cada passo da gravidez.

Os meses foram passando, a gestação foi se desenvolvendo. As fotos de ultrassom e os vídeos de Noah chutando faziam parte da minha galeria.

Em outubro, em uma ida minha ao Rio, percebi que Carolaine estava com dor e que precisava ir ao médico. Minha mãe, então, a acompanhou. Eu tive que ir para um compromisso na igreja, mas não desgrudava do celular para saber notícias da Carol e do Noah.

Horas depois, minha mãe veio com atualizações e disse que Carolaine precisaria ser internada. O líquido amniótico estava muito baixo e eles precisariam de acompanhamento médico e repouso.

Os dias que se sucederam no hospital foram difíceis. Carol estava apenas com seis meses e pouquinho, e ter o Noah com aquele



tempo era arriscado. Todo dia um exame era feito, um novo ultrassom, uma atualização.

Tive que retornar para São Paulo com o coração aflito. As mensagens no WhatsApp eram diárias. Eu precisava saber que estava tudo bem. Passei a ir todo final de semana para o Rio, já com a notícia de que Noah não conseguiria nascer com nove meses, então precisava aguentar até o oitavo mês.

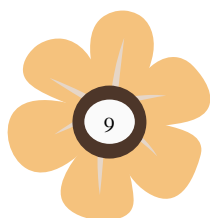
Lembro que durante as idas ao hospital, fiz um ensaio fotográfico da Carol grávida, aqueles bem amadores, já que não deu tempo de ela fazer antes de ser internada. Lembro também que em toda ida minha para o Rio eu levava a câmera para fotografar o parto, caso ele acontecesse no momento que eu estivesse por lá. Mas o oitavo mês precisava chegar.

Não foi o que aconteceu.

Retornei para São Paulo no dia 20 de outubro, certa de que voltaria no final de semana seguinte. Noah foi apressado e não me esperou. Nasceu no dia 22 de outubro, de sete meses, de cesárea, fortinho, mas com o pulmão frágil.

Começava, ali, uma trajetória dolorosa e de muita luta. Durante dois meses eu recebi mensagens diariamente de como Noah estava. Mesmo de longe, acompanhei minha irmã sendo mãe de um bebê que estava na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) Neonatal. Eu vi Carol ganhar uma força e uma maturidade admiráveis.

O pós-parto foi de idas e mais idas ao hospital para ver o Noah. Ela não saía de lá. Ia em palestras para entender o quadro dele, discutia com os médicos se via algo errado, chorava por não poder segurar seu filho no colo e, ainda assim, mostrava uma fé inabalável para todos que estavam a sua volta.



Infelizmente, Noah não aguentou. No dia 29 de dezembro, fui chamada ao hospital pela Carolaine e pelo John, seu marido, para que eu pudesse ver meu sobrinho. Até então eu não o conhecia pessoalmente, só por foto, já que bebê de UTI neonatal só pode receber visitas dos pais e dos avós.

Ao chegar naquela sala fria, cheia de bebês em condições de extremo cuidado, encontrei Noah com 32 de batimento cardíaco. Me encontrei com ele, dessa vez sem barreiras para que eu o olhasse e o tocasse. Abri a incubadora às pressas. Não via a hora de pegar na minúscula mão que já estava com a unha para cortar.

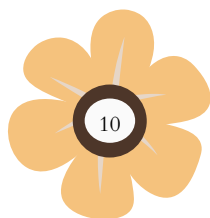
Cheguei bem perto para olhá-lo em detalhes. O nariz e o olho eram do pai. O queixo era da família da mãe, consequentemente, era igual o meu. Ele era lindo, como nas fotos ou até mais que nas fotos (se isso era possível), ainda que não estivesse nas condições perfeitas.

Acaricieei seus cabelos ralos e lisos, mas que com certeza seriam cheios quando ele crescesse. É a genética. Disse que o amava. Mais de uma vez. Em sequência. Sem cansar. O olho dele permanecia fechado como se estivesse descansando depois de um dia de luta. Ou melhor, depois de dois meses.

A enfermeira avisou que só faltavam cinco minutos para a visita acabar. Parei. O olhei. E ali fiquei os cinco minutos que me restavam memorizando o rostinho que me fez tia e que colocou no meu coração um amor que eu jamais imaginava sentir.

O horário tinha acabado. Saí daquela sala olhando para a Carol como quem sabia o que ia acontecer dali para frente. Dei um abraço forte nela e no John e descii. Alguns minutos depois, Carolaine chegou com a notícia de que Noah tinha ido.

Eu não consigo descrever o semblante da minha irmã, mas eu sabia que a partir daquele dia eu precisaria estar com ela, mesmo que só no papel de ouvinte.

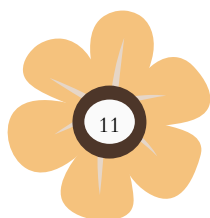


Durante muitos dias ela ficou sem falar sobre. Em outros momentos chorou sozinha no quarto, sem que ninguém visse, mas a gente sabia. Em certas ocasiões, se isolava, mas na maioria do tempo eu via força nela.

Um ano após a morte do Noah, eu entrei no penúltimo período da faculdade de jornalismo e não sabia qual tema escolher para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ao observar a Carol, vi que escrever um livro sobre o luto materno poderia ajudar não só a ela, mas muitas mães que passam por essa dor irreparável.

Eu e Carolaine nunca conversamos abertamente sobre todo esse processo de luto que ela viveu, e ainda vive, até eu escrever a sua história neste livro. Então, espero que aqui ela encontre respostas, conforto e auxílio para passar por tudo isso. Não só ela, mas todas as mães que compartilham do mesmo processo.

Aos que não são mães enlutadas, encontre aqui uma forma de entender todo esse sofrimento e seja uma rede de apoio.



Debora e Ana Luiza



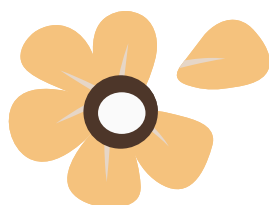
O dia estava ensolarado para uma tarde de inverno em pleno mês de junho de 2009. Em São Paulo, no tradicional bairro da Mooca, na zona leste, conhecido por abrigar muitos integrantes da colônia italiana, Débora descobria a sua segunda gravidez, dessa vez nada planejada. Um verdadeiro susto para quem já tinha uma filha de 25 anos e não pensava em ficar grávida aos 41.

Após a notícia, foi o momento de se acostumar com a ideia e desejar Ana Luiza a gestação inteira. Sim, Ana Luiza. Débora teria mais uma menina em sua vida. E para quem estava receosa com a gravidez tardia, Ana Luiza não deu trabalho, quer dizer, até nascer prematura. Aí sim deixou Débora um pouco preocupada.

O parto estava previsto para o dia 25 de janeiro, mas a garotinha foi mais apressada e nasceu no mês das confraternizações. O presente de Natal de Débora chegou no abafado dia 10 de dezembro, por volta das 19h30. A bolsa estourou enquanto a mãe de segunda viagem lavava a cozinha.

A correria se instalou naquele momento. Ana Luiza nem esperou o médico chegar ao hospital e, com seus dois quilos e meio, nasceu muito bem para uma prematura de sete meses. Esse foi o único trabalho que a menina deu nos seus anos de vida.

A tranquilidade aflorava em Ana Luiza, era o tipo de criança que se dava bem com todo mundo e praticava como ninguém o altruísmo. Ganhava um brinquedo hoje e já estava distribuindo para os coleguinhas no dia seguinte. A voz estridente era a sua marca. Vivia cantando e gritando pelos cantos da casa. A pequena fã da cantora Anitta dizia que ia ser funkeira quando crescesse. Além disso, companheirismo era uma das principais qualidades de Ana, principalmente quando se tratava de Débora. As duas não se desgrudavam. Desde os nove meses de vida da pequena, quando ela teve pneumonia, mãe e filha criaram o ritual de dormirem juntas. A partir daí, não existia Ana Luiza sem Débora e nem Débora



sem Ana Luiza. Viver para a caçula era a missão de Débora, que fez isso de uma forma admirável durante os sete anos de vida de Ana Luiza. Talvez o apego da menina para com a mãe já indicasse que o tempo dela seria curto por aqui.

Ana Luiza tinha acabado de completar seus 7 anos de idade naquele famoso calor de dezembro, assim como no dia do seu nascimento. A semana do Natal se aproximava, mas a garota estava mais quieta que o normal e mais agarrada com Débora também. Em um dos momentos de conversa entre mãe e filha, uma pergunta chamou a atenção:

- Mamãe, quando a gente morre e vai para o céu e quando a gente nasce de novo, a gente é filho da mesma mãe e do mesmo pai?

- Não, filha, não necessariamente. Às vezes não. Mas por que você está perguntando isso?

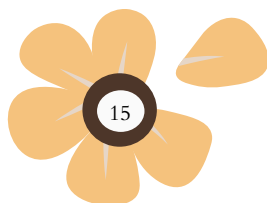
- Ah, porque quando eu morrer, eu quero nascer de novo e eu quero ser sua filha de novo - respondeu a pequena.

- Filha, você é tão nova para estar falando isso. Você tem uma vida inteirinha pela frente - disse Débora, sem entender bem aquela conversa.

Com convicção e de maneira que Débora não esperava, Ana Luiza respondeu:

- Não, mamãe, eu vou morrer criança. Eu tenho certeza de que eu vou morrer criança.

...



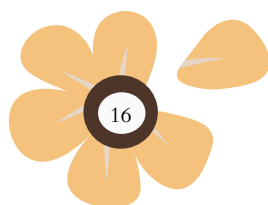
O dia 24 de dezembro chegou na família dos Fornaciari, que era grande e sempre tinha um Natal bem tumultuado e animado. Mas para Débora havia algo estranho no ar. Ela, que sempre ficava encarregada de preparar a ceia, estava com a sensação de que algo não ia bem. A anfitriã passou o dia inteiro nos preparativos, com direito a uma pausa para o famoso cochilo da tarde com Ana Luiza.

O relógio apontou que eram dez horas da noite, momento em que as pessoas começavam a chegar. Tudo estava preparado e, com o passar do tempo, a casa foi ficando cheia da criançada ansiosa pela chegada do Papai Noel e dos adultos que conversavam e ajeitavam os últimos detalhes da noite.

Ana Luiza, que estava brincando com as outras crianças, parou por um momento para pedir à mãe que subisse com ela para pegar o sapatinho para que ela colocasse na árvore de Natal. “Filha, sobe lá e pega. A mamãe está cansada, vai lá pegar”, disse Débora, depois de passar o dia inteiro arrumando as coisas.

Minutos depois de Ana Luiza ter ido para o andar de cima com a irmã Juliana pegar o sapatinho, Débora, que estava na sala de TV da casa, ouviu um barulho muito forte. “Nossa, vocês estão destruindo a casa”, falou, pensando que alguém tivesse deixado cair algo. Juliana, então, entrou no cômodo assustada e avisou: “Ana Luiza caiu da escada”. A enteada de Débora não sabia explicar o que aconteceu. Ela simplesmente caiu. Não houve tropeço, foi um tombo bobo do quinto degrau.

Débora correu para a sala de jantar, lugar em que ficava a escada, e se deparou com Ana Luiza desmaiada toda encolhidinha. No mesmo momento, lembrou daquela conversa sobre morrer criança. Pegou a pequena no colo e viu sangue em seu nariz. O pensamento foi de que ela tinha batido o rosto, mas, ao passar a mão na cabeça de Ana, viu que a situação era outra.



O corpo de bombeiros era próximo da casa da família Fornaciari e foi lá que eles pediram socorro. Tudo parecia que ia ficar bem, já que ao chegar nos bombeiros Ana Luiza acordou, conversou, chorou um pouquinho por conta da dor na cabeça. Ela estava tranquila, mas ainda assim ir ao hospital era necessário naquele momento, era realmente necessário.

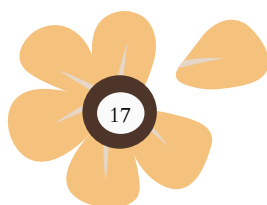
Na ambulância dos bombeiros, a caminho do hospital da Vila Alpina, ainda na zona leste de São Paulo, a garotinha de 7 anos voltou a desmaiar. Após uma tomografia, um sangramento na cabeça foi encontrado, o que fez com que Ana Luiza fosse transferida para o hospital Jabaquara, agora zona sul de São Paulo, para realizar uma cirurgia. Nada estava perdido ainda.

O dia 24 de dezembro já tinha ido embora dando lugar ao oficial dia de Natal. No hospital, a data para Débora estava de uma forma atípica. Ana Luiza tinha acabado de entrar na sala de cirurgia e o médico não tinha dado tanta esperança para a mãe aflita que só sabia esperar naquela sala fria de hospital. Suas mãos estavam atadas.

A tarde de 25 de dezembro nunca foi tão demorada, tão angustiante. E a madrugada daquele dia nunca foi tão triste. Aquele momento nunca saiu da cabeça de Débora. “Ela não aguentou”, disse a médica após Ana Luiza sobreviver à cirurgia, mas partir no pós-operatório. Ela tinha ido. A caçula tinha partido no mesmo mês que tinha nascido. Tão cedo, assim como naquele parto prematuro.

Era como se Débora flutuasse ao receber a notícia. Não houve choro, mas também não houve reação. Era como se ela não estivesse ali. Uma parte dela tinha ido com Ana Luiza.

O genro daquela mãe anestesiada, que não conseguia pensar em nada, tomou a frente de toda a burocracia, já que a morte saiu como “morte não esclarecida”. Lá estava ele reconhecendo o corpo, resolvendo todo o processo até chegar o enterro. Até chegar o momento da despedida final.

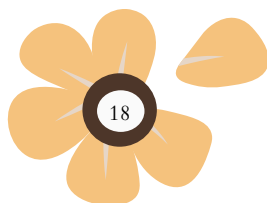


O Cemitério da Quarta Parada foi o local do adeus. As pessoas não paravam de chegar para se despedir de Ana Luiza, mesmo sendo época de férias, entre Natal e Ano Novo. “Ela era muito querida, ela foi muito querida”. Mas como ficou Débora? A lembrança desse dia vem como flashes. A única certeza é de que ela esteve ao lado daquele pequenino corpo o tempo todo, até ele ser coberto por terra. Até ele desaparecer e só ficarem as fotografias e memórias.

Ao sair do cemitério, Débora não tinha forças. Chegou em sua casa, agora vazia, sem saber como seguir em sua vida. O quarto ainda estava lá, com aquela cama desarrumada da soneca que ela tinha tirado com Ana Luiza na tarde de Natal. Lembranças. Por dois meses o seu lugar de dormir foi a sala. Não tinha como entrar naquele quarto novamente.

Por um bom tempo, Débora só dormia. Uma forma de fazer a dor passar mais rápido, se é que isso é possível. O telefone tocava com as filhas preocupadas, os amigos querendo saber como ela estava, mas a força não vinha. O seguir em frente não existia. Foi assim até o telefone tocar com a ligação de uma amiga que disse: “Levanta daí. Não dá para você ficar deitada para sempre”. Nesse momento, Débora, que era gerente de uma escola estadual, decidiu voltar a trabalhar, mesmo com a licença que a diretora havia concedido para ela por 30 dias. Em 10 dias ela já estava de volta.

Débora viu que precisava sair dali, porque percebeu que as pessoas estavam ficando presas por sua causa. Ela levantou daquela cama e decidiu tentar por ela, por Ana Luiza e por todos que estavam à sua volta. Ainda tinha o seus pais ali, suas filhas, suas netas, ela devia seguir em frente.



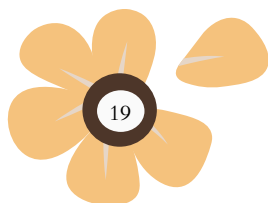
Processo do luto

A morte de Ana Luiza foi um choque para todo mundo. Por todo esse baque a rede de apoio de Débora era muito forte no começo do luto. Depois de um tempo, as pessoas começaram a ficar com medo de falar com ela sobre o assunto, havia um certo receio em tocar a ferida. Débora entendia o lado das pessoas e por isso evitava conversar a respeito, mas ainda assim aquele apoio era essencial para a solidão não tomar conta da sua vida.

Em um dia de trabalho Débora recebeu o convite de um colega para visitar um grupo na Vila Mariana que era formado por pais que perderam filhos. Toda semana eles se reuniam para conversar a respeito de viver com essa grande perda e se ajudavam para que o luto não se tornasse algo solitário.

Débora frequentou o grupo por algumas semanas e de certa forma isso a ajudou. Aquelas pessoas mostraram a ela que ninguém estava sozinho, que havia esperança... Mesmo assim, ela percebeu que precisava ter o seu tempo para começar a ouvir histórias sobre perdas e compartilhar a sua história também. Ela ainda não estava preparada. Resolveu não voltar às reuniões.

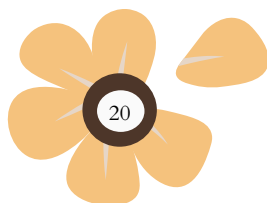
Durante a sua vida, Débora sempre se envolveu muito em causas sociais, mas nunca em um projeto que havia partido dela. Quatro anos após a morte de Ana Luiza, a pandemia do coronavírus fez com que ela ganhasse coragem para começar uma ação pessoal em favor do próximo. Durante a ida ao trabalho, Débora se assustou com bares, restaurantes e tantos outros lugares fechados. Naquele momento ela sentiu que precisava fazer algo para os moradores de rua que viviam nos arredores e dependiam daqueles lugares que sempre davam comida para eles. A mãe, que buscava seguir em frente todos os dias, encontrou um refúgio ao ajudar as pessoas.



Ela e o amigo que a apresentou ao grupo de apoio decidiram atender algumas pessoas por ali e se disponibilizaram a entregar marmitas. Além dos alimentos, Débora também oferecia seus ouvidos. Passou a conversar com aquelas pessoas, aprender com suas histórias. Isso a ajudou muito e ainda a ajuda.

Para Débora, não existe uma maneira exata de curar uma perda, não há o “superar” no vocabulário de quem perde um filho. Durante todo esse processo, ela ainda questiona Deus sobre o porquê de tudo isso ter acontecido, mesmo tendo muita fé. “A gente se acostuma com a ausência, mas não supera.”

A vida teve que seguir, mesmo com o buraco eterno dentro do peito. A voz estridente de Ana Luiza ainda ecoa pela casa, as conversas entre as duas ainda existem, agora em pensamento. As fotografias ainda estão pelos cômodos. São lindas imagens que mostram o quanto Ana Luiza foi feliz ao longo dos seus 7 anos. É às fotos e aos vídeos de sua menina brincando e falando com alegria e muita energia que Débora recorre quando a saudade aperta. Ana Luiza não se foi. Ela nunca deixará de existir no coração e no pensamento de Débora.





Debora e Ana Luiza.



Geane e Isaac

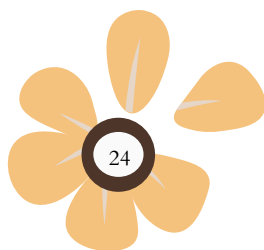
Honório Gurgel, zona norte do Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2011. Geane, mãe que estava na sua terceira gestação aos 40 anos, fazia aniversário. Naquele dia, ninguém imaginava o que iria acontecer.

Geane não tinha planejado a gravidez, foi um susto quando descobriu. Não imaginava que poderia ficar grávida novamente. Ter filho naquela idade era arriscado, mas é claro que a notícia de um bebê a fez tirar o tabu da cabeça e logo o sentimento de felicidade preencheu o seu coração, principalmente porque havia casado pela segunda vez e o seu marido, na época, não tinha filhos, diferentemente dela que era mãe de um casal do primeiro casamento: Jennifer, de 20 anos, e Jeferson, de 16.

A notícia no começo de 2011 fez o ano valer a pena... até chegar novembro. No décimo primeiro mês do ano, Geane estava no seu oitavo mês da gravidez. Era uma gestação saudável, sem nenhum problema ou complicação. Tudo caminhava para um parto tranquilo. Ela já sabia o sexo do bebê. Era um menino. O nome seria Isaac, em referência ao filho de Abraão, personagem bíblico.

Estava tudo comprado. Enxoval completo para sair com o bebê da maternidade nos braços. O quarto do pequeno também estava pronto, só faltava o berço e uma cômoda. O salário de pedreiro do marido de Geane não conseguiu dar conta dessas pendências. Naquela época, Geane, que trabalhava como empregada doméstica, teve que parar por conta da gravidez. O dinheiro ficou apertado, mas faltava pouco para deixar tudo certo para a hora de Isaac chegar ao mundo.

O famoso chá de bebê, que quase toda mãe faz quando está grávida, tinha que acontecer e Geane não deixou passar em branco. Aqui retornamos ao dia 20 de novembro de 2011, quando ela aproveitou o seu aniversário para fazer o evento em homenagem à chegada de Isaac.



O dia amanheceu ensolarado, com um calor digno do Rio de Janeiro. Tudo parecia perfeito para fazer uma dupla comemoração. A varanda da humilde casa de Geane, em Honório Gurgel, estava arrumada para receber os amigos e familiares. Havia muitos enfeites, além da música e das comidas e bebidas sobre a mesa.

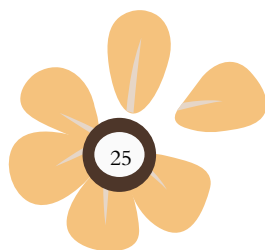
Os convidados já tinham chegado. A festa acontecia com aquelas famosas brincadeiras que ocorrem nos chás de bebês. Todos estavam muito felizes com a diversão e aproveitavam aquele momento para comemorar mais um ano de vida de Geane. Mas, de repente, a festa foi interrompida...

Ninguém entendeu muito bem o que estava acontecendo, até ver um menino pulando abruptamente para dentro da casa de Geane, dando um susto em todos. Era um desconhecido que estava tentando fugir da polícia. Não se soube ao certo por que o jovem fugia, mas aquele ato acabou com a vida de Isaac, que mal chegou a conhecer os pais.

A invasão causou um susto grande em todos, mas principalmente em Geane. Na hora ela não sentiu nada. Não houve nenhuma dor, nenhum sangramento, nenhum vestígio de que teria acontecido algo com o bebê.

O chá de bebê já não tinha mais clima para continuar depois daquele acontecimento. Ninguém imaginava o que poderia ocorrer dali para frente. Se haveria troca de tiro, se era algo maior, se mais invasão estava por vir. Por via das dúvidas, Geane resolveu encerrar a comemoração.

Oito dias depois, em uma consulta, ela descobriu que Isaac estava morto em sua barriga. O motivo provável: o susto causado por aquela invasão. Embora no momento do susto ela não tivesse sentido nada, durante os dias ela percebeu que sua barriga estava deslocada e começou a sentir um peso, ainda assim pensou que isso era normal, até procurar o médico.



Ao chegar no hospital público no dia 28 de novembro de 2011, aquela mãe, que mal esperava o que estava por vir, realizou um ultrassom. O médico ficava para lá e para cá com o aparelho na sua barriga que estava bem grande, já que a gestação estava quase completa.

- Vocês não notaram alguma coisa diferente? - perguntou o médico.

Geane respondeu que não:

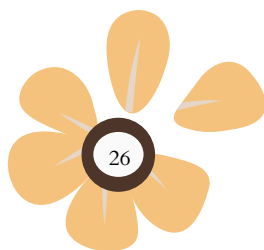
- Pra mim está tudo normal.

- Mãe, seu filho está morto.

Não houve nenhum cuidado, nenhum carinho nas palavras, apenas um “seu filho está morto” que mais tarde veio acompanhado de “como você não sentiu que seu filho estava morto?”. Foi um baque. Sem ao menos ter alguns minutos para assimilar a dor mais forte de sua vida, Geane tentou explicar ao médico que não teve nenhum sintoma forte que pudesse fazê-la correr antes para o hospital, como um sangramento ou a pressão alta.

Depois da notícia, ela ficou anestesiada. Não teve choro. Não teve reação. Ficou parada ali, naquela maca, com um médico na sua frente dizendo que ela teria que voltar para a casa com seu filho morto na barriga para pegar algumas coisas e retornar para o hospital para ser feita a internação e, logo depois, a indução do parto.

Geane saiu daquele lugar disposta a não contar nada para os filhos e nem para a sua mãe. Apenas ela e seu marido sabiam. Ela tinha medo de acontecer algo com a sua mãe, que já era de idade, e não queria ver a tristeza no rosto dos dois filhos, que estavam



ansiosos pela vinda de Isaac. Não naquele momento que ela carregava o filho morto na barriga.

Ao chegar em casa, pegou suas roupas, suas coisas e a explicação que deu foi a de que estava indo para o hospital ganhar o bebê. Mal sabiam eles que ela não voltaria com Isaac para casa.

Geane retornou para o hospital com o coração apertado e com medo do que aconteceria a partir do momento que visse Isaac morto. Ela foi internada, como o médico tinha dito, e, na madrugada do dia 28, o parto foi induzido. Nada de cesariana. Com um parto induzido, Isaac veio ao mundo sem sinal de vida algum.

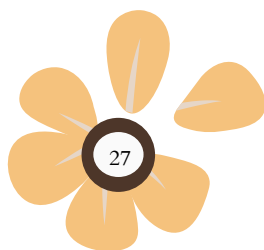
Ao olhar para o seu filho, sem nenhum machucado, sem nenhuma marca de que haveria complicação após o parto, Geane caiu em si. Viu que tinha que enfrentar a realidade de não ter Isaac fazendo parte do seu futuro. Era apenas o corpo, ele não estava ali.

Às cinco horas da tarde do dia 29 de novembro de 2011, Geane resolveu ligar para seus filhos e contou o que tinha acontecido. Houve um choro incessante pelo telefone. Até hoje há a lembrança da idade que Isaac teria se estivesse vivo. Ele jamais foi esquecido.

Depois de dar a notícia, a parte mais difícil chegou: enterrar Isaac. Geane saiu do hospital sem seu filho nos braços e foi para casa receber o carinho da família, enquanto tinha o atestado de óbito dele nas mãos. O enterro aconteceu no dia seguinte.

O caixão era branco, bem pequenino. Quem olhava sabia que era um bebê que estava sendo enterrado. À medida que carregavam aquela pequena caixa para um buraco que seria coberto por terra, Geane ficava pensando nos planos que tinha feito, no quanto a gravidez foi saudável e no porquê de tudo aquilo ter acontecido. Ela não tinha resposta.

Ao ver a última pá de terra esconder o caixão de Isaac, a ficha de Geane caiu. Mesmo anestesiada por toda aquela dor irreparável, ela percebeu que tinha que seguir sem ele.





Processo do luto

Ao chegar em casa após o enterro, Geane não conseguia olhar o enxoval de Isaac na sua frente. Era muito doloroso saber que nada daquilo seria usado. Aquelas roupinhas pequenas e com cores e desenhos alegres e delicados eram muito mais que objetos. Representavam planos destruídos.

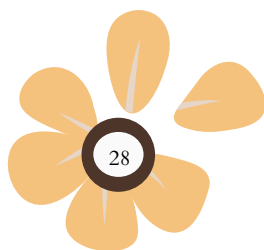
Depois de algumas semanas tentando não olhar aqueles itens, ela decidiu enfrentar a dor e doou tudo.

Uma jovem de Honório Gurgel, de mais ou menos uns 19 anos, estava grávida e não tinha condição de obter as coisas materiais para seu bebê que estava para chegar. Geane, então, a procurou e deu tudo para ela.

Jeniffer, a filha mais velha de Geane, relutou muito em relação à decisão da mãe, mas nada mudava o seu pensamento. Geane sentia que precisava ajudar, que precisava, de alguma forma, beneficiar alguém mesmo em meio ao pior momento da sua vida. E assim foi feito.

Após a doação, Geane se mudou, não por conta da sua perda, mas porque estava cadastrada para ganhar um apartamento em um lugar mais sossegado. Claro que isso contribuiu para que o processo do luto fosse menos difícil. Honório Gurgel não trazia boas lembranças.

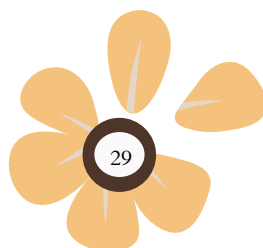
Geane se mudou para Paciência, zona oeste do Rio de Janeiro, ainda de resguardo. Mesmo com novos ares, o peito cheio de leite fazia a lembrança de Isaac ser forte. Ela pensou em amamentar outro bebê, mas acabou desistindo. Esse ato poderia deixar o processo do luto mais intenso. Não seria bom para ela. Começou a tirar o leite com a bombinha e jogava fora. Isso também trazia dor, mas ela tinha que optar pelo menos pior.



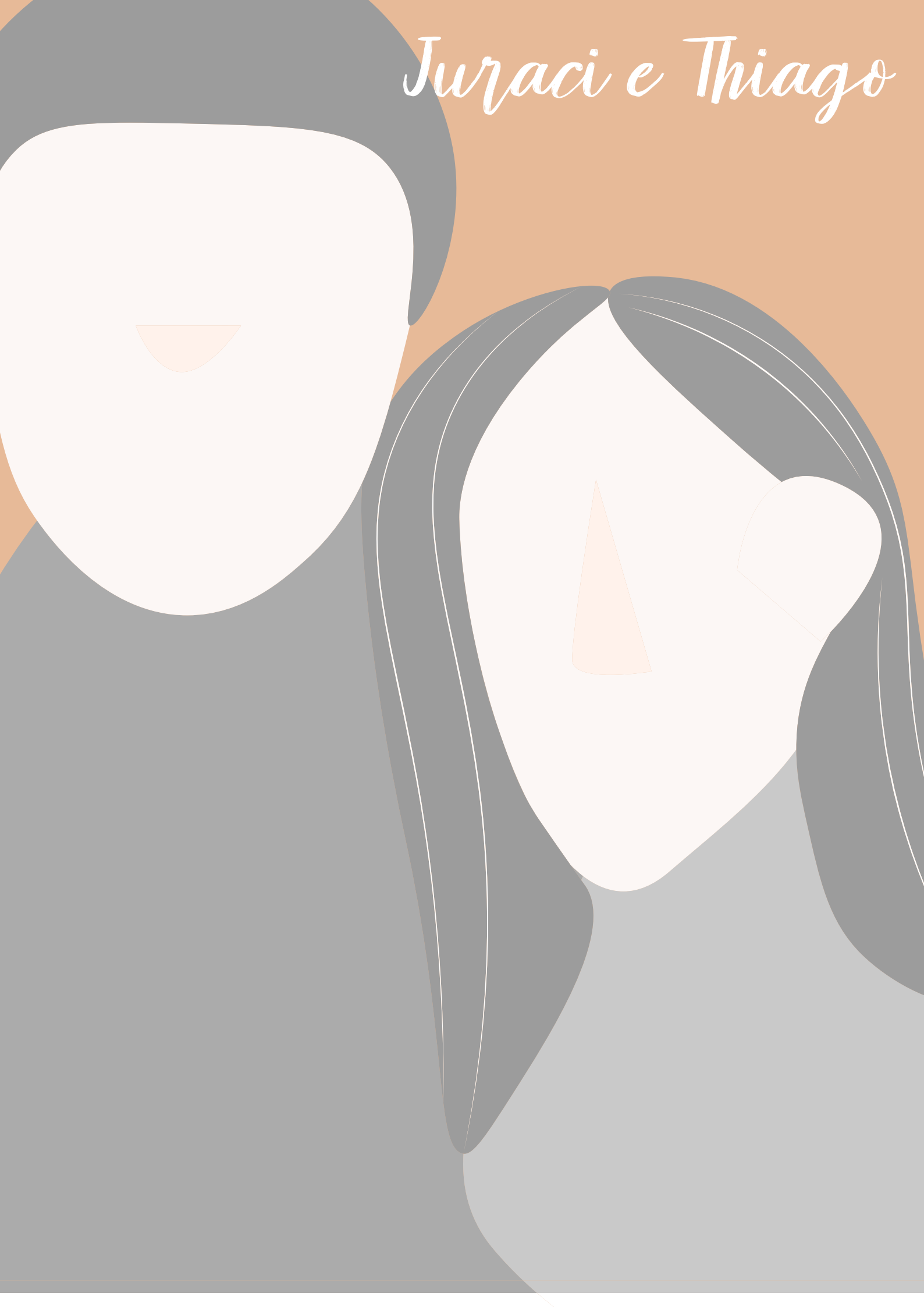
Depois do resguardo, estava na hora de voltar a trabalhar. Geane não tinha escolha, afinal, a situação financeira não ia nada bem. Ela estava em outro lugar e o salário do seu marido não era o suficiente. Precisava encontrar outras casas para trabalhar.

E foi isso que Geane fez no seu processo de luto. Buscou o “conforto” no trabalho, na luta pelo pão de cada dia. As faxinas, muitas vezes, eram feitas com lágrimas em função das lembranças de Isaac. Ela não teve nenhum grupo de apoio; nem psicólogo, nem qualquer ajuda externa. Era ela, Deus, o dia a dia e o costume de viver com a dor.

Um macacãozinho de Isaac fazia parte do processo de luto. Geane tinha doado o enxoval do filho para a jovem de 19 anos de seu antigo bairro, mas havia guardado a roupinha para ter como lembrança. No entanto, um dia resolveu se desfazer da peça. Percebeu que aquilo não fazia bem para ela, por ser uma marca concreta de um momento triste. Preferiu guardar o sentimento de amor que teve pelo filho desde o momento em que descobriu que ele estava na sua barriga.



Juraci e Thiago



“Eu era uma pessoa feliz antes do dia 2 de outubro de 2014.”

Assim Juraci de Osti, 57 anos, começa a nossa conversa.

Mãe de três filhos (Gustavo, Vinicius e Thiago, que não está mais aqui), ela é uma mulher dividida entre o céu e a Terra.

Thiago, seu primogênito, nasceu em 1986. Um menino educado, carinhoso, cuidadoso e que foi atrás dos seus sonhos desde muito cedo, o que assustou um pouco Juraci.

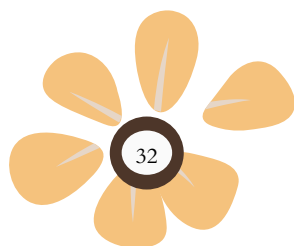
Já na adolescência disse à mãe que começaria a trabalhar, mas sem largar os estudos. Um escritório de cobrança no centro da cidade de São Paulo era o local. “Ele tinha nascido para brilhar”, murmura Juraci.

Ela insiste contando que o filho se destacava em tudo o que fazia. Começou assim na escola, depois na faculdade de Economia, que ele mesmo pagou, e mais tarde no trabalho. O início de sua vida profissional foi como estagiário da Avon, até ficar responsável por um centro de distribuição no interior de São Paulo, em Itu, e ter que ir viver longe da família.

Juraci costumava ouvir muitos elogios dos funcionários de Thiago. “Eles falavam que nunca tinham tido um chefe como ele”, diz. Sua passagem na Avon acabou dez anos depois. Thiago aceitou um novo emprego, na Nespresso, e retornou para São Paulo, para morar novamente com Juraci.

O vínculo entre os dois era muito forte. “Era ‘eu te amo’ a todo momento, ele era meu porto seguro e eu o dele”. Talvez por ser o primeiro filho, a conexão entre os dois era “fora do comum”. E permanece, mesmo com Thiago tendo partido.

No dia 2 de outubro de 2014, Juraci estava em seu escritório preparada para passar um dia bem tranquilo, já que não tinha planos pela frente. De repente, recebeu uma ligação de Thiago pedindo para que fosse com ele fazer a degustação de seu bufê de casamento. Sim, seu primogênito, agora com 28 anos, ia se casar.



Ao retornar para São Paulo, Thiago conheceu Isabella, que trabalhava na mesma avenida que ele, a Engenheiro Luís Carlos Berrini, no Brooklin, zona sul da capital. Eles estavam noivos há dois meses e pretendiam se casar no final de 2015, então, já estavam nos preparativos.

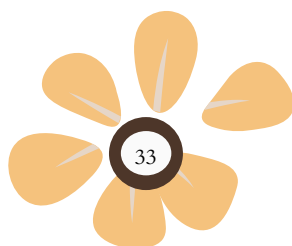
De primeira, Juraci negou o convite e alegou que estava muito cansada, já que na noite anterior não tinha dormido direito por conta dele e da noiva. Acontece que Thiago tinha ido para o Itaquerao (estádio do Corinthians construído naquele ano) com uma prima e Isabella resolveu fazer uma surpresa para ele. Era umas onze horas da noite quando a noiva foi para a casa de Juraci colocar bilhetinhos românticos pela casa para que, quando ele chegasse, recebesse a surpresa. Parecia que ela estava sentindo que algo iria acontecer.

Thiago chegou por volta da uma e meia da manhã, o que fez Juraci dormir tarde e ficar cansada no dia seguinte. Mas ele insistiu e ela resolveu acompanhá-lo na degustação.

Juraci trabalhava na sequência da Berrini, próximo ao Morumbi e adorava ir para o trabalho de transporte público, dizia que dava para dormir um pouco durante a viagem. Por ser perto, Thiago às vezes dava carona para ela, como fez naquele dia, para irem juntos para a degustação em Moema.

Eles chegaram primeiro que Isabella. Brincalhão que era, o filho de Juraci ligou para a noiva e começou a dizer que eles já estavam comendo e experimentando todas as gostosuras. Juraci amava esse lado de Thiago, já que lhe rendia boas gargalhadas.

Isabella chegou em seguida e eles entraram. Viram a apresentação de vários pratos, degustaram e foram embora. Antes de cada um entrar no seu carro, a noiva de Thiago ficou na dúvida se iria para a casa dele ou se iria para a casa dela. O primogênito de Juraci disse que era para ir para a casa dela, já que ela teria uma reunião em Interlagos logo pela manhã do dia seguinte e era mais perto.



Isabella deu um último beijo em seu noivo, despediu-se e foi para casa. Thiago e Juraci também fizeram a mesma coisa. O destino da mãe e do filho era a Vila Prudente, na zona leste de São Paulo. Local, até então, seguro.

Ao chegar em casa, por volta das dez horas da noite, Thiago resolveu fazer diferente. Ele costumava embicar o carro na garagem, só que dessa vez colocou o veículo reto na rua, abriu a porta e já foi abrir o portão. Juraci desceu do carro, ficou na parte de dentro da garagem e esperou o filho entrar.

Thiago deu a ré, colocou o veículo na garagem. Juraci foi fechar o portão e recebeu um sinal negativo de Thiago, já que o portão era pesado e ele não queria que ela fechasse por esse motivo.

Ainda dentro do carro, com o portão aberto, Thiago passou uma garrafinha de água para Juraci pela janela do passageiro. No momento em que ela pegou a garrafinha, o objeto caiu no chão. Como seu primogênito era muito brincalhão, Juraci pensou que era mais uma graça que ele estava fazendo, mas não era.

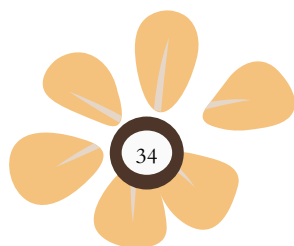
Ao pegar a garrafinha e se levantar, Juraci viu seu filho ser arancado do carro pelo lado do motorista. Foi tudo muito rápido. Em questão de segundos Thiago já estava na rua, com as duas mãos para cima, com dois meninos atrás dele e um no meio da rua com um revólver prata. Eles queriam o carro.

Como uma mãe que só pensa em proteger o filho, Juraci foi até o assaltante que estava armado, segurou em sua mão e implorou:

- Por favor, por favor, vai embora!

A súplica de Juraci não foi atendida. O ladrão foi até Thiago, que já estava rendido por dois meninos e ouviu dele:

- Eu já te entreguei a chave do carro, o que mais você quer?



Em silêncio, o homem chegou mais perto, abraçou o filho de Juraci e deu um tiro em sua cintura. O choque foi tão grande que Juraci não conseguiu ouvir nada e só sabia se culpar por ter falado com o assaltante. Ela acreditou e ainda acredita que aquela ação causou o tiro em Thiago.

Os três ladrões correram sem levar nenhum bem material, apenas a chave do carro. Thiago ergueu a camisa social que vestia e o que se via era apenas um pinguinto de sangue, o que fez Juraci pensar que poderia ser arma de brinquedo, já que ela não tinha conhecimento em revólver.

Depois do tiro, Thiago entrou na garagem cambaleando e caiu no chão, batendo a cabeça. Juraci não conseguiu segurar aquele homem de 1,80m. O barulho da queda jamais saiu de sua cabeça, assim como cada detalhe daquele acontecimento.

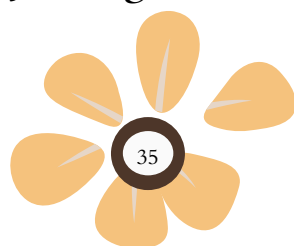
Em seguida, os outros dois filhos daquela mãe que estava em choque chegaram para socorrer o irmão. Eles estavam em casa, mas não ouviram direito todo o ocorrido, apenas os gritos de Juraci, que pedia socorro.

Ao ver Thiago desmaiado, Juraci começou a fazer respiração boca a boca nele tentando trazer seu filho à vida novamente e obteve sucesso.

- Meu amor, calma que a mãe está aqui – disse ao vê-lo acordado.

Aquele momento parecia durar horas, mas aconteceu em apenas alguns minutos.

Um homem de carro passou pela rua e perguntou se estavam precisando de ajuda. Na mesma hora, os irmãos de Thiago o levantaram e o colocaram dentro do carro daquele moço. No caminho para o Hospital São Cristovão, no bairro da Mooca, Juraci imaginou que seu filho ficaria em uma cadeira de rodas, já que o tiro poderia ter atingido a coluna. O pensamento logo desapareceu dando lugar à concentração de guiar o motorista até o hospital.



Na parte de trás do carro estava Thiago no colo de Vinicius. Acordado, ele disse que amava o irmão, que também respondeu que o amava e o tranquilizou dizendo que já estavam chegando ao hospital.

Assim que chegaram ao São Cristovão, Thiago entrou em cirurgia. Em seguida, Vinicius ligou para Isabella para avisar que seu noivo estava hospitalizado e que era para ela ir encontrá-los. Não deu detalhes. Ao chegar no hospital, a noiva de Thiago não acreditou e ligou para os amigos dele para pedir oração. Depois das ligações, aquele lugar encheu de gente, inclusive a mídia esteve por lá.

Quando foi por volta das duas horas da manhã, a médica chamou Juraci e disse o que nenhuma mãe quer ouvir:

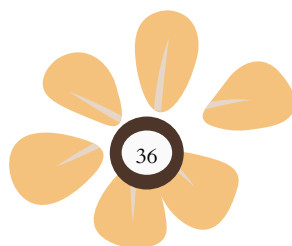
- Ele não aguentou.

Juraci não sabia o que sentir naquele momento. Ela não acreditava no que tinha acontecido. O seu pensamento estava voltado para a possibilidade de ter empurrado o assaltante que estava com a arma, já que ele era alto e magro. Talvez assim daria tempo deles entrarem para casa. Não dá para saber, ainda assim, a culpa assola o coração da mãe.

O enterro de Thiago foi logo em seguida. Juraci foi levada para o cemitério pela sua sobrinha e seus dois filhos. Ao chegar no local, não conseguiu entrar, tudo aquilo era muito para ela.

As lágrimas não saíam dos seus olhos. Ao tomar coragem para entrar, deparou-se com Thiago no caixão, que tinha um semblante de paz, de quem estava descansando. Decidiu ficar ao seu lado durante todo o velório, já que sabia que não o veria mais.

Ao chegar a hora de enterrar, deu um beijo nele e saiu, com a certeza de que tinha perdido uma parte de si. A dor era horrível e ver o caixão ser fechado e coberto por terra não era suportável para ela.



Depois de tudo, Juraci foi atrás de justiça. Ela e os amigos criaram o movimento “Thiago vivo”, com o intuito de prender os assaltantes e para lutar por uma cidade menos violenta, para que nenhuma mãe pudesse sentir a dor que dilacerava seu peito.

Fez o retrato falado do homem que estava armado e, depois de quatro horas, o desenho ficou exatamente igual ao ladrão, o que facilitou muito a busca. Cartazes com a foto do homem foram feitos e Juraci andou por São Paulo atrás da prisão dele. Ela saía às dez horas da manhã, com uma mala de rodinhas que levava cartazes e cola dentro, e em cada poste ia colando. Uma verdadeira guerreira, elogiada, inclusive, pela população que a ajudava, divulgando e fazendo denúncia. Após quatro meses de luta, a prisão do assassino de Thiago foi feita.

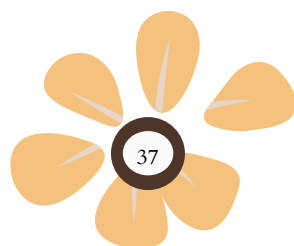
Juraci não abandonou o caso, afinal, ela também queria a prisão dos outros dois e esperava que o que foi preso entregasse eles, o que não aconteceu. Ainda assim, ela compareceu no julgamento e viu aquele homem receber a pena máxima para latrocínio, 30 anos de cadeia.

A possibilidade da pena ser reduzida, a descoberta de que os outros dois assaltantes eram menores e tudo o que tinha acontecido fizeram a dor de Juraci se estender para a política.

Após ir até Brasília, com seu próprio dinheiro, para pedir a redução da maioria penal e mudanças no código penal, Juraci foi candidata à deputada estadual, mas não foi eleita, já que não fez campanha por conta da depressão que se instalou na sua vida.

Ainda assim, sua luta de querer justiça continuou, assim como sua ajuda para mães que passaram pela mesma situação.

“Pelo Thiago e para que ninguém mais sofra o que eu sofro todo dia, eu vou continuar lutando. Eu não tenho dó de assassino. Eu não tenho dó mesmo.”



Processo do luto

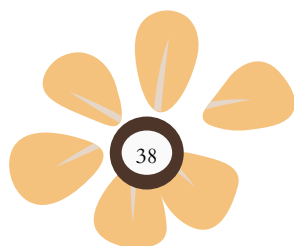
Mesmo envolvida com a política e mantendo sua luta, Juraci permaneceu sofrendo muito e resolveu pedir ajuda. Por ter visto o filho morrer na sua frente, o psiquiatra precisou passar um tratamento de choque, com fortes medicamentos que lhe causavam tontura.

Durante o tratamento, Juraci recebeu uma ligação com a notícia de que sua mãe tinha falecido. Com o susto, ela esqueceu que estava tomando os remédios. Entrou no carro com seu filho caçula e foi dirigindo para o enterro.

Ao chegar em Bauru, Juraci capotou no canteiro central e entrou em um caminhão com o carro virado para baixo. Foi tirada das ferragens, assim como seu filho. Os dois ficaram na UTI durante um mês. O carro deu perda total. O caçula de Juraci saiu com nove pinos na coluna e ela com várias fraturas no corpo.

“A culpa é dos assassinos de Thiago”, afirma, convicta. “É um efeito dominó.” O que aconteceu no dia 2 de outubro de 2014 desencadeou o uso de remédios, o fato dela dirigir medicada, capotar com o carro e quase ter seu outro filho morto.

Juraci não ia suportar outra perda, afinal de contas, seus dois filhos são sua força para prosseguir. Ainda assim, continua vivendo como se fosse 2014. O choro nunca cessou, a dor jamais desapareceu.





Juraci e Thiago.



Aracelli e Miguel

“Só existe dor, porque existe amor”

O ano de 2013 chegou para ser o início de uma longa trajetória de sofrimento, mas, sobretudo, de amor na vida de Aracelli Moreira. Era final de setembro quando a professora de Letras descobriu que seria mãe pela primeira vez. Com seus 30 anos, ela já planejava, com seu companheiro, aumentar a família.

O teste de gravidez deu positivo. A expectativa estava lá em cima. Os planos começaram a ser feitos, até o primeiro ultrassom, quando a médica descobriu que não havia um embrião no útero de Aracelli.

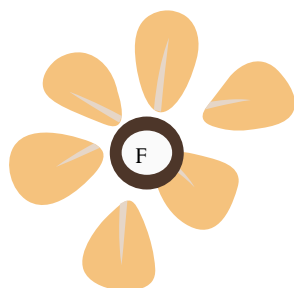
Tratava-se de uma gravidez anembrionária, que é quando o saco gestacional se desenvolve, o óvulo é fertilizado pelo espermatozoide e se implanta no útero, mas não há o desenvolvimento do embrião. Nessa situação, a mulher tem todos os sintomas da gravidez e o teste realmente dá positivo, mas sem que ela esteja efetivamente esperando um bebê.

Receber a notícia foi um baque para Aracelli. Mesmo não tendo um bebê em seu útero, ela precisou tomar um remédio para ter contração e expelir o saco gestacional. Ver todo aquele sangue, tudo aquilo saindo, foi muito difícil emocionalmente para ela. Acabava, ali, toda a expectativa criada, todo o sentimento de se sentir mãe.

No final, ela teve que parir a morte.

Mas a vida veio novamente, seis meses depois, quando descobriu que estava grávida de Miguel. A gravidez estava sem nenhuma intercorrência, até que ela fez um ultrassom morfológico, exame feito para acompanhar o desenvolvimento do bebê e detectar alguma má-formação.

O ultrassom estava marcado e a ansiedade de Aracelli era nítida. Rafael, seu marido, não pôde comparecer por estar traba-



lhando. Ela se preparava para ir sozinha, quando sua mãe apareceu para acompanhá-la.

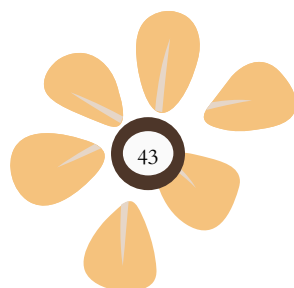
Ao chegar no hospital e ser chamada para realizar o exame, a mãe de primeira viagem entrou na sala acompanhada da mãe e da médica. Durante o procedimento, a animação podia ser vista de longe, já que a conversa não parava em tom empolgante. Mas, de repente, tudo mudou.

Por uns minutos, a médica ficou em silêncio. Seu semblante era de concentração, mas também de preocupação. Quieta, ela ficava analisando, pelo exame, o cérebro e o coração de Miguel. Ela ia e voltava conferindo várias vezes antes de dar qualquer notícia para Aracelli.

Ao final, a médica informou que Miguel tinha duas más-formações: hidrocefalia leve e um problema no coração. Todo aquele conto de fadas, que até então Aracelli estava vivendo, ficou em preto e branco em instantes. “O que estava acontecendo?”, era o que ela se perguntava. A médica deu algumas informações básicas e a encaminhou para repetir o exame, mas o desespero já tomava conta.

Ao sair do hospital, Aracelli não conseguiu retornar para casa. Ela precisava ir atrás de outras respostas para ter a certeza da informação que tinha acabado de receber sobre o seu filho. No mesmo momento, lembrou de uma amiga que tinha ido em um especialista de imagens para saber se estava tudo bem com o seu bebê. Aracelli, então, ligou para a amiga, pediu o contato do médico e no mesmo dia conseguiu uma consulta. Antes de ir para lá, passou em casa. Contou tudo para o marido e rapidamente eles fizeram o trajeto Campo Grande (na zona oeste do Rio de Janeiro) - Ipanema (na zona sul), onde ficava o consultório.

Ao chegar no local, Aracelli tinha esperança de que ouviria que a informação sobre seu filho estava errada, mas infelizmente não foi o que aconteceu.



- Ele realmente tem hidrocefalia, e, na verdade, ele tem duas más-formações que nos deixam a suspeita que tem alguma síndrome por trás disso. A mais branda é a Síndrome de Down – disse o médico.

Aracelli e o marido ficaram sem reação. A única coisa que eles fizeram foi ouvir tudo. Eles estavam anestesiados, mas essa sensação parou quando o médico piorou toda a situação:

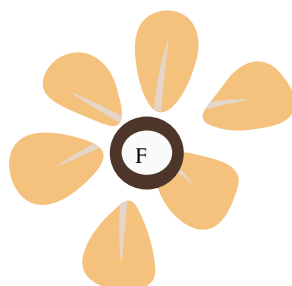
- Ele tem Tetralogia de Fallot e o defeito do septo atrioventricular, mas também ele pode ter uma Síndrome de Down. Com o tempo de gestação que você está, você teria tempo para fazer um exame específico para saber qual é o tipo de síndrome, mas você já está em cima da hora de virar a semana e não poderia mais fazer uma interrupção.

A palavra “interrupção” começou a se repetir na fala daquele homem, até que Aracelli parou e percebeu que ele estava falando sobre abortar Miguel. Ele estava propondo isso nas entrelinhas para uma mãe que não estava ali para isso. A situação piorou ainda mais, quando ele completou:

- Aqui no Brasil a gente tem a mania de culpabilizar esse tipo de coisa, mas onde eu estudei, lá em Londres, qualquer dedinho torto a gente tira.

O especialista continuou insistindo no aborto e Aracelli teve que ouvir mais absurdos da boca daquele homem:

- Eu posso aplicar uma injeção e daqui dois dias você vai à maternidade onde costuma fazer os exames, e fala que não está sentindo o bebê mexer. Eles vão fazer um ultrassom e vão ver que o bebê foi a óbito, e, assim, vão resolver o problema.



Aquela consulta foi um show de horror. Aracelli não tinha ido até aquele médico para abortar seu filho. Ela foi para achar uma solução para a vida dele.

Aracelli só queria ir embora daquele consultório e foi isso que ela fez. O silêncio tomou conta durante todo o trajeto Ipanema-Campo Grande. Era como se eles estivessem flutuando, sem acreditar em tudo que tinham ouvido.

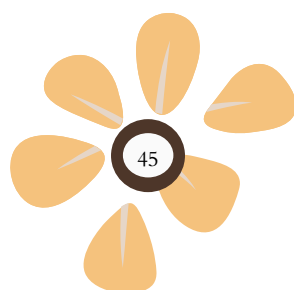
Assim que chegou em casa, Aracelli imediatamente ligou para sua médica e contou o que tinha passado naquela consulta. Como toda pessoa que escuta essa história, a médica achou tudo um absurdo. Em seguida, pediu para que Aracelli fosse até seu consultório e lá ela indicaria uma especialista em medicina fetal, que entende de más-formações intrauterinas

A partir dali ela teve todo o diagnóstico e explicações que precisava. Miguel realmente tinha Síndrome de Down, assim como a má-formação cardíaca e a hidrocefalia. Com o diagnóstico, a médica revelou que ele teria que passar por uma cirurgia no coração assim que nascesse. Naquele momento, Aracelli já se preparava para ser uma mãe de UTI neonatal.

Depois de todos esses acontecimentos, era a hora de contar para as pessoas.

“Gente, olha só, o Miguel tem síndrome de Down e eu sempre tive a sensação de que ele veio para mim, de que ele me escolheu. Eu quero ser a mãe dele e acabou”, disse Aracelli, com um sorriso enorme no rosto, para seus alunos da escola e amigos que abraçaram a sua história de uma maneira linda.

A gestação seguiu normalmente, com todos os acompanhamentos, com a notícia que a hidrocefalia tinha regredido. Estava tudo caminhando bem, até a hora do nascimento.



O parto precisou ser adiantado 10 dias. Miguel nasceu no dia 27 de novembro de 2014 de Cesária, com 2,7kg e 46 cm. A probabilidade de nascer cianótico (com a pele azulada) era grande, mas nasceu com a cor normal. Ele chorou e Aracelli pôde beijá-lo. Em seguida, Miguel foi para a UTI e aí veio a notícia.

Ao cortar o cordão umbilical, os médicos descobriram que ele tinha desenvolvido uma leucemia transitória, que dura cerca de três a quatro semanas, por conta da Síndrome de Down. Devido à leucemia, a cirurgia no coração teve que ser adiada. Além disso, tinha as cardiopatias, a suspeita de megacolon, que é um problema no intestino. Tinham muitas intercorrências.

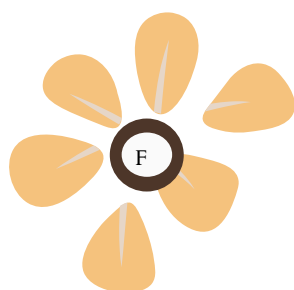
Naquele dia Aracelli estava em êxtase e, independente das notícias, ela queria ver seu filho. Depois de muita insistência, ela reencontrou Miguel naquela sala da UTI Neonatal, lugar que passaria os próximos 40 dias.

Os dias que se sucederam foram muito intensos. Aracelli não teve resguardo, inclusive teve problema na cicatrização da cesariana, porque sempre dirigia para ver Miguel no hospital. Na verdade, ela não sentia nada. A tensão preenchia as 24 horas por dia, não dando espaço para a dor física.

Durante todos aqueles dias, Aracelli não sabia o que estava acontecendo no mundo. O único mundo dela era Miguel e a atenção era totalmente para ele, assim como as mudanças na vida também eram por ele.

Com a esperança de que Miguel receberia alta hospitalar após a cirurgia, Aracelli descobriu que ele teria que ser operado novamente em breve e que precisaria estar perto do hospital, caso alguma emergência acontecesse com ele.

Com sua casa em Campo Grande e Miguel internado na Barra da Tijuca (um trajeto longo), Aracelli resolveu se mudar. Naquele momento, as coisas materiais já não mais importavam.



Em dezembro de 2014, Aracelli e o marido visitaram um pequeno apartamento perto do hospital e resolveram, na mesma hora, vender a casa dos sonhos em Campo Grande para adquirir aquele imóvel que os deixavam mais perto do filho e o mantinha mais seguro. Infelizmente não deu tempo de Miguel conhecer sua moradia.

Os dias dele após o nascimento foram de muita luta. Era necessária transfusão de plaquetas para que houvesse a normalização e, assim, pudesse ser feita a cirurgia no coração. Esse tempo para Aracelli não foi diferente.

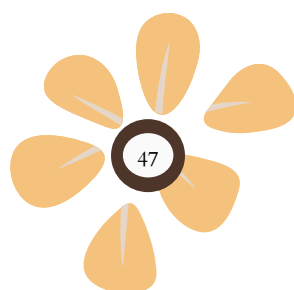
Todo dia, às sete da manhã, ela estava no hospital e só saía as dez horas da noite, horário que as visitas eram encerradas. Em todo momento tirava leite para alimentar seu filho, porque era a única coisa dela que chegava até ele. Eles estavam longe um do outro, ainda que ela estivesse naquele UTI Neonatal todos os dias.

Ela não podia tocá-lo e muitas vezes não podia pegá-lo no colo. Durante os dias em que esteve com Miguel, só o segurou oito vezes e a oitava vez foi no dia que ele faleceu.

Era 5 de janeiro de 2015, quando Aracelli recebeu a notícia de que Miguel iria realizar a cirurgia, que foi um sucesso, apesar de uma hemorragia que surgiu no meio do caminho, mas que foi controlada. Miguel foi para a UTI cardíaca se recuperar da operação e Aracelli, que não pôde dormir por lá por conta do pouco espaço na UTI, teve que retornar para casa com o coração apertado.

A noite dela foi longa, já que não conseguiu dormir em nenhum momento. O telefone era o alvo de Aracelli. Ela ficava observando o aparelho com medo de receber alguma ligação do hospital, mas isso não aconteceu.

A manhã do dia 6 de janeiro chegou e logo bem cedo ela estava no hospital. Ao chegar, conversou com a médica que revelou que Miguel estava bem. Como uma mãe que quer ter a certeza da informação, ela foi para perto de Miguel, olhou cada detalhe e



seguiu a rotina da UTI Neonatal, que era tirar leite e aproveitar os momentos ao lado do filho.

Ao retornar para a UTI, percebeu uma movimentação e a médica contou que Miguel tinha acabado de ter uma parada cardíaca, mas que agora estava bem novamente. A informação não foi processada direito por ela, que ficou anestesiada e não compreendeu o que era uma parada cardíaca.

Depois da notícia, Aracelli ficou com Miguel a parte da manhã toda. Em um determinado momento, a enfermeira deixou todas as mães pegarem seus filhos no colo. Com Miguel em seus braços, Aracelli declarou seu amor em forma de música. Ao olhar para o rostinho dele, cantou: “Nunca se esqueça, nenhum segundo, que eu tenho o amor maior do mundo. Como é grande o meu amor por você”. Era a hora, mesmo sem saber, da despedida entre os dois.

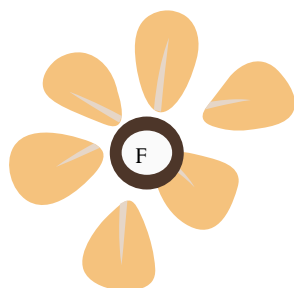
Quando deu mais ou menos meio-dia, Aracelli foi almoçar. Angustitada, ela retornou rápido. Ao voltar, a UTI já estava fechada. A equipe médica estava tentando reanimar Miguel, mas Aracelli não tinha ideia do que estava acontecendo.

A primeira informação que ela recebeu é que estavam fazendo um procedimento. Aracelli, então, foi para o saguão esperar junto de uma mãe que também aguardava notícias da filha que estava no centro cirúrgico.

Naquele momento, a psicóloga cardíaca se aproximou, mas Aracelli nem esperava que a conversa seria com ela, já que ela não tinha ideia que a situação do Miguel era tão grave.

- Vamos conversar? Olha, ele teve outra – disse a psicóloga

- Outra o quê? – perguntou Aracelli, confusa.



- Outra parada cardíaca. Eles estão tentando reanimá-lo”, respondeu.

Na cabeça de Aracelli, Miguel não estava morto. Na verdade, a morte de seu filho nunca passou pela sua cabeça. A psicóloga retornou e avisou que ele já estava 10 minutos parado, logo depois foi para 30 minutos e nesse momento Aracelli ligou para Rafael, que estava trabalhando, para ele ir até o hospital.

Quando ele chegou, a psicóloga chamou os dois para dentro. Já tinha uma hora que tudo estava acontecendo. Eles foram levados para uma sala, onde também estava a psicóloga da UTI neonatal. Com todo o cuidado, as duas prepararam aqueles pais que iam receber a notícia que tinham perdido seu filho.

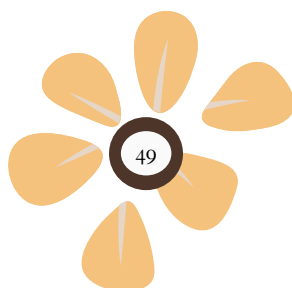
Elas falaram que os médicos estavam fazendo de tudo, mas que Miguel não estava reagindo. Naquele momento, Aracelli só repetia o pedido para que Miguel ficasse, até que uma hora a médica entrou, sentou ao seu lado e disse:

- Ele não resistiu.

A primeira coisa que veio à cabeça de Aracelli foi a Virgem Maria. Ela só conseguia pensar que foi exatamente aquela dor que ela sentiu. A pressão de Aracelli baixou, ela quase desmaiou e teve que ser socorrida. Mas logo depois a calma retornou e ela externou essa dor com as muitas pessoas que se preocuparam com Miguel.

“Ele se foi”, essa foi a mensagem que ela conseguiu escrever em uma linha de transmissão no WhatsApp.

Aracelli e Rafael saíram da sala e foram levados para um tipo de teatro que fica no subsolo. Naquele momento, as pessoas começaram a chegar e formaram uma roda de oração. Ali, Aracelli estava com uma força inexplicável dentro dela. Não porque ela



se sentia na obrigação de estar forte, mas porque ela realmente sentia uma força.

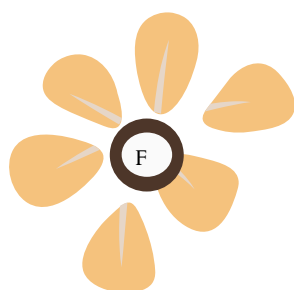
A partir dali ela começou a entender que pedir para Miguel ficar com ela de qualquer forma era egoísmo. Compreendeu que aquele processo todo que eles tinham vivido naquele lugar, tudo aquilo era relacionado a uma necessidade de Miguel. Ele precisava passar por aquilo, para receber muito amor, mesmo que só por 40 dias.

Depois de todo aquele momento, Aracelli pôde de se despedir pela segunda vez, agora ciente que era uma despedida. Segurou Miguel no colo e sentiu aquele cheirinho de bebê que ela lembra até hoje. Ele estava com o cabelo penteado e com a roupa que sairia da maternidade. Depois de memorizar cada detalhe do seu filho, chegou o momento de se despedir para sempre.

Aracelli nunca tinha ido a um velório, nem enterro do seu laço sanguíneo, apesar de ter tido algumas perdas na vida, como de seu pai e avós. Ela tinha evitado a morte durante muito tempo, a morte concretizada.

Ao chegar no Cemitério Jardim da Saudade de Paciência, zona oeste do Rio de Janeiro, ela encontrou um caixãozinho fechado, como realmente queria, porque Miguel já não estava parecido com o que ele era. Tinha uma outra fisionomia, outra cor. Aracelli queria preservá-lo.

As pessoas estavam chegando, todas vestidas com uma roupa branca, do jeito que Aracelli havia pedido. Uma mãe de uma amiga fez uma linda prece e o cortejo foi feito até o local que ia enterrar Miguel. Quando o caixãozinho foi colocado dentro da cova, Aracelli sentiu que precisava falar algo:



- Tudo que a gente viveu, tudo que a gente participou, foi tudo muito intenso. Eu acho que ele veio nesse mundo para mudar a gente de alguma forma. Ele precisou passar por tudo que ele passou, ele escolheu essa vida, ele escolheu estar aqui e eu escolheria passar por tudo isso com ele de novo.

Quando tudo acabou, um pôr do sol lindo surgiu. Aracelli abraçou seu marido e disse:

- Hoje vai ser o primeiro dia do resto das nossas vidas.

A partir dali eles precisaram ser novas pessoas, cada um aprendendo a lidar com a própria dor, cada um com seu modo... E conseguiram, juntos.

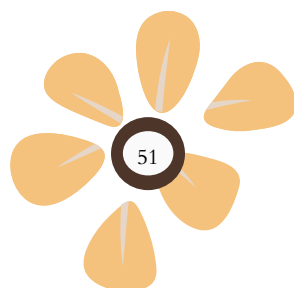
Processo do luto

Depois de todos esses meses intensos, Aracelli passou por todo um processo, mas uma frase se tornou a mais importante da sua vida e a ajudou a viver o luto.

- Você é e sempre será a mãe do Miguel – foi o que a psicóloga da Neonatal falou para Aracelli quando ela disse que não seria mais mãe, após Miguel ter falecido.

Aquele gesto, aquelas palavras foram um alívio. Estava na hora de viver esse processo.

No dia 6 de janeiro, Aracelli saiu do hospital de braços vazios com a necessidade de ter os braços preenchidos de alguma forma. Ao chegar no apartamento que estava pronto para receber as mu-



danças, ela se dirigiu para o quarto de Miguel, chorou tudo o que podia e nunca mais fechou a porta daquele cômodo, porque tinha medo de não conseguir abrir mais. Ela não queria esse bloqueio.

Estava na hora de se mudar de fato para aquele lugar que ela queria estar com Miguel. Encaixotar as coisas e se ajeitar no apartamento foram os primeiros passos para o recomeço e para o processo de luto.

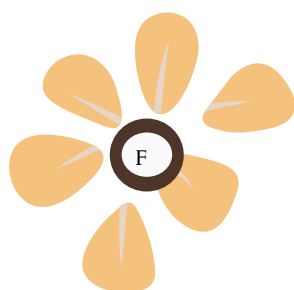
Um mês depois, começou a terapia, o que a ajudou muito em momentos de crise. Mais tarde, permitiu-se fazer as coisas, como ir até a UTI várias vezes, entrar no box que Miguel ficou, fazer parte de um grupo de mães cardiopatas que ajudam outras mães, falar do Miguel sem se preocupar se as pessoas iam ficar sem graça ou não. Mas a todo tempo respeitou seus limites, o seu luto.

A escrita também foi fundamental. Em março de 2015, Aracelli foi convidada pela psicóloga da UTI Neonatal para escrever em um blog e ela também já tinha um livro pronto. Escrever a ajudou a entender a nova Aracelli que surgiu após todos esses acontecimentos.

Ainda assim a saudade existia. Saudade das coisas que não tinha vivido com Miguel. Existia o sentimento de amputação, de perder um pedaço dela. Aracelli estava preenchida de dor naquele momento e, durante seis meses, não tinha espaço para ninguém na sua vida. Mas de junho para julho as coisas mudaram.

- Eu posso continuar amando o Miguel e ter tantos outros filhos, porque o lugar dele é insubstituível – disse Aracelli, decidida de que poderia pensar em outra gravidez.

Assim que desconfiou que estava grávida, Aracelli foi fazer o exame de sangue, que demorava para ficar pronto. Ela retornou para casa e só sabia chorar. O sentimento de que estava traindo



Miguel tomou conta dela. Ela repetia que o amava e que não estava substituindo-o. Foi o dia todo assim, até o resultado chegar.

Era quatro horas da tarde quando Aracelli viu que o beta estava 0,64 e que o exame tinha dado positivo. Por ser um valor baixo, ela pensou que tinha sido um falso positivo e, então, resolveu mandar uma mensagem para sua médica.

Alguns minutos, a médica enviou uma foto de uma criança segurando uma borboleta voando. Aquela imagem significava muito para ela. Um dia, sua médica disse para ela que a via como uma borboleta em um casulo, que estava se preparando para alçar voo. Realmente, estava na hora.

- Gravídissima – a médica escreveu depois da imagem.

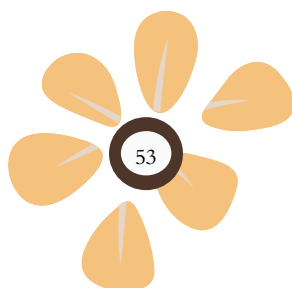
Naquele instante, o medo invadiu Aracelli. Ela ainda passava pelo momento de luto e tinha medo de acontecer tudo de novo.

Durante a gravidez de Théo, Aracelli decidiu publicar o livro que tinha escrito durante os três meses após a morte de Miguel, e que falava sobre ele e sobre esse processo de perda. De certa forma, o livro representava seu filho fisicamente.

Com a ajuda de uma equipe de ajudantes que não cobraram nada e que fizeram a diagramação, ilustração, tudo, Aracelli viu o seu livro do jeito que ela queria. “Coração de Leão” foi publicado no dia 27 de novembro de 2015, no dia que Miguel completaria um ano de vida.

Antes de chegar na livraria, Aracelli estava abalada, já que era a primeira vez que passava uma data do aniversário de Miguel. Estava tudo muito difícil. O luto continuava.

Ao chegar na livraria, a encontrou lotada. Eram duas horas de fila. Ninguém reclamou, todo mundo com um sorriso enorme, muita gente emocionada.



- É aqui que eu tinha que estar – Aracelli disse para ela mesma.

O seu humor mudou. Miguel estava naquelas coisas, naqueles momentos, no momento de união, de empatia. Havia paz ali. Miguel transmitia coisas boas para Aracelli, E aquele livro era a oportunidade de as pessoas sentirem isso.

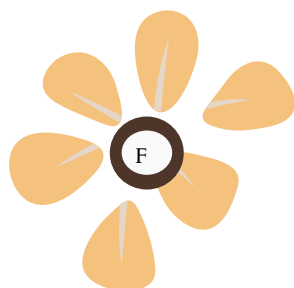
Após a publicação, o luto continuou, outras etapas vieram e Theo nasceu.

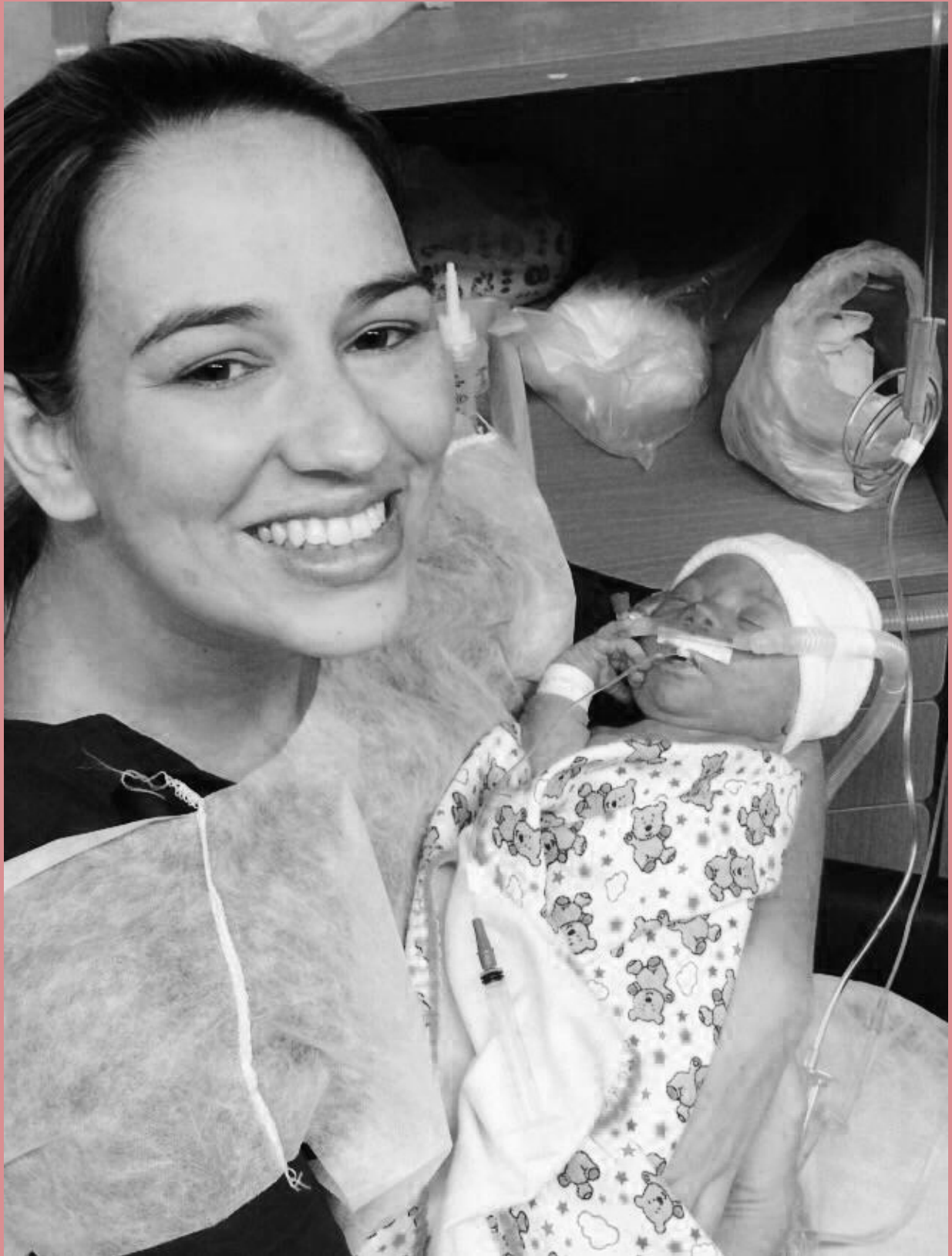
Em fevereiro de 2016, Aracelli saiu da maternidade agora com seu filho no colo e bem.

Estava na hora dela viver um outro lado da maternidade que ela não tinha vivido e, ao mesmo tempo, cheia de marcas do passado recente.

Durante três dias, ela ficou sem dormir com medo de algo acontecer com Theo, mas com o tempo teve que lidar com tudo aquilo, teve que se acostumar. Desde o nascimento até os cinco anos de idade (que Theo tem no momento), ele sabe tudo sobre Miguel e tem a presença dele nas fotos que tem pela casa.

Afinal de contas, a presença de Miguel transformou muita gente, muita coisa. Transformou Aracelli, que viveria tudo de novo só para ser a mãe do Miguel. Ele é dela de todas as formas.





Araceli e Miguel.

Caroline e Noah



O ano era 2019. O mês das mães batia à porta quando Carolaine, 25 anos, uma jovem estudante de Medicina Veterinária, começava a sentir os sintomas da gravidez. O cansaço tomava conta, o ânimo não existia, o enjoo apareceu e a dúvida surgiu.

O teste de gravidez veio após uma conversa com John, seu namorado há dois anos e melhor amigo há tanto tempo. O teste da farmácia deu positivo. Sem acreditar, Carolaine resolveu fazer, no dia seguinte, um novo teste. Dessa vez foi diferente: negativo foi o resultado. Naquele momento, tudo ficou muito confuso.

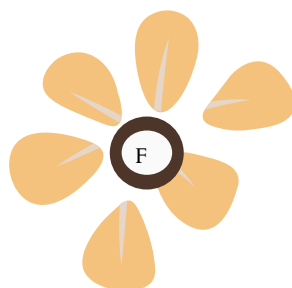
O próximo passo seria um exame de sangue. Algo mais certo, mais concreto. E foi isso que ela fez, já que os sintomas só aumentavam. O resultado do exame de sangue ficou pronto no dia seguinte, depois dos dois testes de farmácia. Às sete horas da manhã Carolaine se viu ligando para John, que é militar e morava em outro estado, para anunciar a notícia: tinha dado positivo.

Nada tinha sido planejado. Em lágrimas, a jovem se viu surpresa diante daquela notícia que mudaria a sua vida e a de John. Mesmo com o nervosismo, os dois estavam se tornando pais naquele momento. O amor imensurável começava ali.

Depois de uma longa conversa, a certeza de que tudo se resolveria tomou conta do casal. O próximo passo, então, deveria ser feito: anunciar a gravidez para a família.

Carolaine retornou para casa com John ciente de que sua mãe ouviria a notícia naquele mesmo dia. Apesar de nervosa e surpresa, Claudia abraçou a filha, beijou sua barriga e se tornou avó.

A partir dali, foi o momento de começar o pré-natal, marcar um ultrassom, fazer o acompanhamento da gravidez. Mesmo distante fisicamente, John não perdia um momento. As mensagens e chamadas de vídeo se faziam presente sempre e, quando ele retornava, aproveitava de pertinho tudo.



No quarto mês, o sexo foi anunciado: era menino. O nome seria Noah. A felicidade tomava conta. Apesar dos vômitos, enjoos e idas ao hospital para tomar soro, a gravidez foi normal, sem nenhuma intercorrência. Isso até a 27ª semana de gestação.

Em outubro, indo do sexto para o sétimo mês, Carolaine marcou mais uma famosa consulta de acompanhamento. Segundo a médica, tudo estava bem. No mesmo dia, Carolaine tinha marcado uma ultrassonografia 4D para poder ver o rostinho do Noah. Por coincidência, ou não, o lugar do ultrassom era no mesmo prédio da sua obstetra.

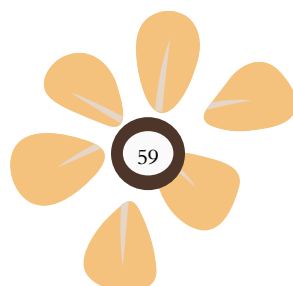
Ao chegar para fazer o exame, ela não conseguiu ver o bebê, porque ele estava com a mãozinha no rosto. A médica da ultrassonografia, então, disse:

- A gente não vai conseguir fazer ultra 4D, porque ele está com a mãozinha no rosto e eu aconselho você voltar na sua médica e falar com ela sobre o seu líquido, porque ele está em um nível que é bom ter uma atenção maior.

Carolaine tinha acabado de sair da sua médica. Ela tinha falado que estava tudo bem. Como isso era possível? Ela retornou para o consultório e a ginecologista disse para ela voltar para casa e ficar de repouso, além de tomar bastante água de coco e água.

A jovem mãe fez o que a médica disse durante uma semana, até que foi fazer xixi e saiu um pouco de muco. No mesmo instante, Carolaine chamou sua mãe que suspeitou ser o tampão mucoso. Era hora de avisar a sua médica.

Ao mandar mensagem, a obstetra disse que não podia dizer o que era o muco, porque precisava ver, e como ela estava viajando, falou para Carolaine ir para a emergência.



Ao chegar na emergência do Hospital Oeste Dor, em Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, a doutora viu que o colo do útero estava fechado, mas precisava decidir com a médica de Carolaine se iria interná-la, ou não. A questão era: a médica de Carolaine estava viajando e não atendia o telefone de jeito nenhum. Havia um descaso diante daquela situação. Depois de muito insistir, a obstetra atendeu e resolveram pela internação.

Naquele dia 12 de outubro, Carolaine começou a sentir muita contração, muita dor e a sua barriga começou a ficar dura. Noah não podia nascer naquele momento. Era muito cedo. Ainda assim, Carolaine tomou remédio para ajudar no desenvolvimento do pulmão do bebê. Não sabia exatamente o que poderia acontecer.

Os dias que se sucederam foram normais. Os enjoos começaram a passar, todo dia era realizada uma ultrassonografia. Noah estava bem, o líquido estava se mantendo. Até a 29ª semana.

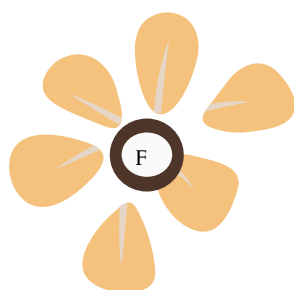
No dia 22 de outubro, ao realizar uma ultrassonografia, a médica deu a notícia de que o líquido estava muito baixo. Tinha chegado a três. Era o momento de Noah nascer, não dava para esperar mais.

Carolaine estava com sua sogra e em vídeo chamada com o John, quando a médica chegou e disse:

- Olha, a gente veio avisar que ele vai ter que nascer agora, porque o líquido está baixo e a gente vai fazer uma Cesária de emergência.

A médica ainda disse que não iria fazer o parto, porque ela tinha acabado o seu plantão. Quem iria assumir seria um outro médico, que também era muito bom. E nada da obstetra de Carolaine aparecer.

Naquele momento, com um turbilhão de pensamentos em mente, o desespero tomou conta dos jovens pais. Na mesma hora



Caroline mandou mensagem para sua mãe, que largou tudo e foi até o seu encontro.

Logo depois, o doutor que ia fazer o parto chegou no quarto para conversar com Caroline.

- Vamos dar todo o procedimento para você poder entrar para fazer a cesárea, mas você vai ter que tomar um medicamento que é próprio para o bebê não ter hemorragia cerebral, porque ele é prematuro – avisou o médico.

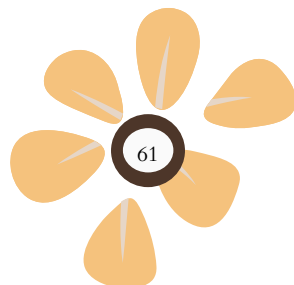
Ao ouvir aquilo, John lembrou de um problema no coração de Caroline e a preocupação tomou conta. Ela não podia tomar qualquer tipo de remédio que acelera muito o coração. O casal indagou, então, se teria algum problema.

- Olha, ter problema a gente não pode falar que não tem, mas a escolha é sua. Ou você toma o remédio para o seu filho não vir com nenhuma hemorragia e a gente consegue fazer o melhor por ele, e aí você pode correr risco sim de não voltar, ou você não toma o remédio, vai ficar tudo bem com você, mas pode correr o risco do seu filho ter uma hemorragia cerebral – respondeu o doutor.

Caroline não hesitou um segundo. Optou por tomar o remédio e salvar Noah, antes de tudo. John, é claro, a apoiou.

A mãe de Caroline chegou e ficou desesperada com tudo o que estava acontecendo, mas havia pressa. O parto tinha que ser feito. Subiram com a maca, pegaram Caroline e a levaram para a sala de cirurgia.

- Vida, eu te amo mais que tudo nessa vida, eu te amo muito, muito – disse John ao ligar para Caroline antes do parto ser feito.



Parecia uma despedida e talvez poderia ser mesmo. Não se sabia o que aconteceria dali para a frente.

Ao chegar na sala de cirurgia, Carolaine tomou o medicamento para Noah não ter hemorragia cerebral. O remédio era aplicado 1ml na veia de um em um minuto e a sensação em Carolaine era de que tinham tacado gasolina e ateado fogo nela.

Ela se tremia toda, parecia que iria partir naquele momento, já que seu coração não parava de acelerar. Quando a médica viu toda a reação, ela só sabia falar:

- Respira e fica comigo, fica comigo.

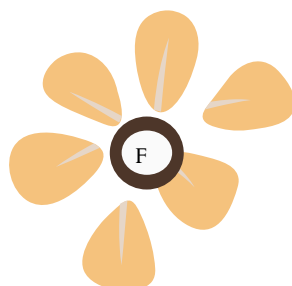
Deitada naquela maca e pronta para dar à luz, Carolaine estava sonolenta e prestes a ficar fora de si. O desespero da médica dava para ser visto em seu rosto. Ao olhar para o teto do hospital, Carolaine só falava com Deus:

- Senhor, se eu tiver que morrer agora, você capacita o John para cuidar dessa criança, porque eu sei que vai ser difícil para ele cuidar sozinho, porque ele está em outro lugar.

Após todo o desespero, a situação de Carolaine se normalizou e foi a hora de Noah chegar com 1,220kg e 38cm. Sua mãe estava lá, na sala de cirurgia, com o John em vídeo chamada acompanhando todo o parto. Eles viram tudo.

Quando Carolaine viu o Noah, a emoção surgiu de uma maneira surreal. Colocaram ele na frente dela, ela olhou cada detalhe daquele lindo rostinho e as lágrimas tomaram conta daquele momento. Depois disso, Noah foi para a UTI Neonatal, um lugar onde viveria grandes batalhas.

O horário de visita da UTI Neonatal acabava às dez horas da noite e o parto terminou de madrugada. Por esse motivo e por



também estar sonolenta por conta da anestesia, Carolaine reencontrou Noah no dia seguinte, junto de John por vídeo chamada.

Ali, naquela visita, a médica passou o quadro de Noah, que estava intubado. Ela deu esperança ao dizer que era questão de tempo para ele se acostumar e sair do respirador, já que Carolaine tinha tomado corticoide para desenvolver o pulmão dele. A partir dali, começou toda uma jornada de ser mãe de UTI Neonatal. O processo de estimular o leite veio, junto das visitas ao hospital desde às dez da manhã até as dez da noite, já que tinha recebido alta dois dias depois do parto.

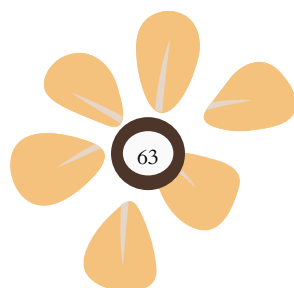
E os dias foram de altos e baixos.

Um mês após o nascimento, a barriga de Noah começou a inchar. Foi a primeira coisa que aconteceu. Ele ainda estava intubado, a médica ia começar a entrar com os remédios para ele poder sair do respirador, mas aí a barriguinha dele começou a inchar.

O medicamento agora era para a barriga desinchar, mas não adiantava. O medo era o protagonista naquele momento. Os médicos não sabiam o que estava acontecendo. Vários exames foram feitos e nada. Até que Carolaine conheceu Grazielle, uma mãe de UTI Neonatal, cujo filho teve os mesmos sintomas de Noah e o diagnóstico foi enterocolite necrosante, que é uma inflamação do trato digestivo.

Caroline era uma mãe que questionava e, por estudar veterinária, tinha conhecimento em anatomia e fisiologia. Ao saber da história de Grazielle, ela foi perguntar a médica sobre o quadro do Noah e uma possível enterocolite necrosante.

A resposta da médica foi para Caroline se concentrar somente no Noah e não se basear no caso dos filhos dos outros, mesmo Caroline não citando Grazielle. Ainda assim, a mãe que só queria uma solução para o seu filho não deixou de continuar contestando.



Por conta disso, a médica decidiu passar o contraste, que possibilitou ver o intestino de Noah, que estava bom, mas ainda assim a barriga não parava de inchar. Por um momento, os médicos falaram para Carolaine que Noah era um bebê que não tinha lido o livro da medicina, já que ninguém sabia o que ele tinha.

No final de novembro, em estado crítico, com a barriga muito inchada, os médicos continuaram alimentando Noah. Ele permanecia sedado e não encontravam nenhuma solução para seu caso. A única solução era abri-lo para ver o que estava acontecendo, algo que já deveria ter sido feito há muito tempo.

No dia 31 de novembro, Noah entrou para a cirurgia e retornou com a barriga um pouco desinchada. Naquele momento, a esperança surgiu, mas por pouco tempo, porque ele já tinha entrado em choque séptico (condição de risco de morte causada por uma infecção grave).

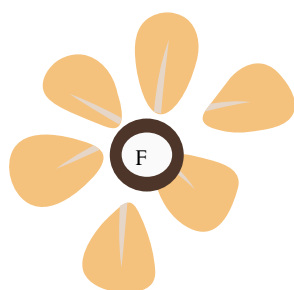
Depois disso, a barriga começou a inchar de novo e ele começou a ficar verdinho por causa de um fungo que contraiu no hospital, depois de quase dois meses internado.

Quando Carolaine foi visitá-lo na UTI Neonatal, ela se deparou com um balão de gás. Foi nesse momento que o “agora já era” surgiu no seu pensamento. Afinal de contas, ela conhecia o âmbito hospitalar, sabia dos procedimentos, sabia o que estava acontecendo.

- Meu filho vai morrer – disse Carolaine para o médico, chorando pela primeira vez dentro da Neonatal.

- Não fala uma coisa dessa – respondeu o doutor.

- Eu sei que eu vou sair daqui desse hospital sem o meu filho – lamentou.



A partir daí, Carolaine começou a perguntar se Noah tinha tido um choque séptico e recebeu a confirmação do doutor.

- Eu sei que o é um choque séptico, eu sei que ele não vai sair daqui, porque um choque séptico é quase irreversível – Carolaine voltou a afirmar.

No dia cinco de dezembro, John chegou ao Rio de Janeiro para acompanhar de perto toda a situação de Noah. Os dias estavam ficando cada vez mais difíceis.

O rim do Noah começou a parar e toda vez que ele fazia xixi, era uma comemoração, mas o fígado também já estava sobrecarregado. Ainda assim, a fé sustentava aqueles jovens pais. A oração era algo diário.

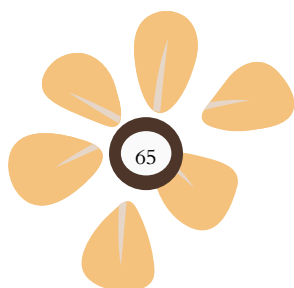
Noah chegou a ter água na pleura e em uma ultrassonografia, a médica se assustou:

- Ele tinha água na pleura ontem, como é que ele não está com água na pleura hoje?

- Deus está aqui cuidando do meu filho todo dia. Foi Deus quem drenou a água da pleura – disse Carolaine.

- Eu acredito! Você vai ter oportunidade de ter outros filhos e o seu marido também, mas nenhum filho substitui outro filho. E você pode ter certeza de que se Deus tiver que levar o seu filho, ele vai te ensinar tudo que Ele sabe que você precisa aprender com o Noah – respondeu a médica.

Os dias que se sucederam foram de uma melhora significativa. Noah estava desinchando, tinha saído do balão e cada coisinha era



uma comemoração. Ele tinha uma sepse e estava vivo. Era um verdadeiro milagre.

Infelizmente, alguns dias depois, o seu rim parou do nada e nesse momento ele inchou muito e ficou irreconhecível.

A médica fez uma ultra e quando viu, o rim estava todo preto, ele tinha perdido a função. Ainda assim, Carolaine permanecia com a fé inabalável, com a esperança de que ele ia voltar a funcionar. No dia seguinte, Noah fez xixi e ninguém acreditou.

Depois disso, Noah continuou no hospital estável, mesmo com uma parada cardíaca no dia 27 de dezembro. Mas no dia 28 tudo mudou.

Era de manhã, quando Carolaine e John estavam tomando café e esperando o horário para visitar Noah. A médica, então, ligou:

- Carol, tem como você vir para o hospital? Você precisa vir e você precisa ser muito forte, porque o Noah teve uma parada cardíaca de madrugada e teve outra agora há pouco – disse e ainda completou ao revelar que não sabia mais o que seria feito.

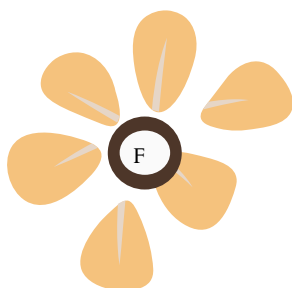
Quando Carolaine e John chegaram ao hospital, o batimento cardíaco de Noah estava em 40.

- De hoje ele não vai passar – disse Carol para John.

A médica, então, chegou e disse:

- Você vai ter que ser muito forte, porque a gente não conseguiu reanimar ele mais. A gente está deixando-o com todos os medicamentos e vamos ver o que vai acontecer.

Depois daquela atualização, Carolaine pediu para suas irmãs e seus cunhados conhecerem Noah, já que a UTI Neonatal não per-



mitia a visita dos tios. Os médicos fecharam a UTI e liberaram a entrada, primeiro das irmãs e depois dos cunhados.

Quando os irmãos do John desceram, o médico veio até a Caroline e perguntou:

- A médica plantonista relatou para mim o seu desejo de pegar seu filho no colo. Você quer pegar seu filho no colo hoje?

A raiva preencheu aquela mãe que nunca tinha pegado o seu filho, enquanto ele estava vivo. Caroline segurou Noah no colo quase morto, já com 20 de batimento. Ele estava roxo com o rosto inchado e o tubo que levava ar para ele estava entupido de secreção, porque ele já não conseguia mais respirar. A boca dele estava aberta, com o tubo no canto. Ele estava inconsciente.

Caroline chegou a abrir seus olhos, mas já estava todo branco. Ela olhou para o monitor que mostrava os batimentos cardíacos e viu os números diminuírem. Agora batia 19.

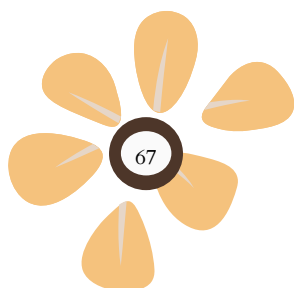
A jovem mãe se sentou com seu filho em seu colo e aos prantos olhou para Noah e disse:

- Mamãe te ama muito!

Em seguida cantou a música do Arrais, “17 de janeiro”, música essa que ela cantava para o Noah desde que ele estava em sua barriga:

- Eu olhei a tristeza nos olhos e sorri – cantarolou o trecho da canção enquanto se despedia.

A música nunca fez tanto sentido. Ali, com seu filho no colo, Caroline sabia que Deus estava levando-o. E, ao mesmo tempo que estava muito triste, ela agradecia muito a Deus por Jesus, por-



que ela pensava que se Deus não tivesse mandado Jesus, seu filho não iria ter lugar para descansar. Então ela também descansou:

- Eu estou preparada. Pode levar. Meu filho nunca foi meu – disse em oração.

Parecia que Deus só estava esperando ela ter esse momento com o Noah para levá-lo. Carolaine já estava conformada de que Deus iria fazer o melhor.

John e Carolaine devolveram Noah para incubadora alguns minutos depois, e ficaram olhando para ele, enquanto seguravam sua mãozinha. O batimento dele foi a três e foi nesse momento que o médico desconectou tudo. Depois que o batimento zerou, a médica disse para Carolaine:

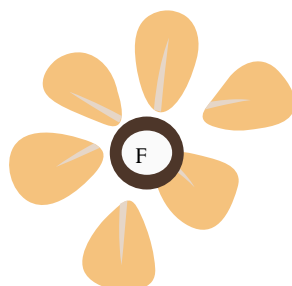
- Seu filho faleceu. A gente não pode fazer mais nada.

Ao receber a pior notícia da sua vida, Carolaine só sabia chorar. Sua mãe e sua sogra estavam para subir para UTI Neonatal, quando ela abriu a porta gritando:

- Meu filho morreu!

Depois disso, começou o processo de sepultamento. O pai de Carol e seu sogro ficaram responsáveis por essa parte e ela apenas escolheu a roupinha que Noah seria enterrado.

Carolaine colocou a roupa que ela queria que Noah ficasse para sempre. Um macacão que tinha a parte de dentro camuflada e a parte de fora amarela, cheia de bichinho e que simbolizava muito para ela e John, por conta da profissão dos dois. Além disso, colocou uma luvinha, sapatinho e uma touca de tricô cinza. Estava na hora do adeus.



Ao chegar no Cemitério Jardim da Saudade de Paciência, zona oeste do Rio de Janeiro, no dia 29 de dezembro, Carolaine foi afaçada por muitas pessoas. Pessoas essas que ficaram sabendo do falecimento por meio dos familiares, já que Carolaine e John estavam sem cabeça para comunicar.

Abraçada com John, Carolaine percorreu o breve caminho até chegar ao lugar do enterro. Eles se sentaram e o coveiro colocou o caixãozinho em cima de uma mesa que estava na frente daqueles jovens pais. Ao olhar e ver que seu filho estava ali dentro, Carol entrou em desespero e as lágrimas não paravam.

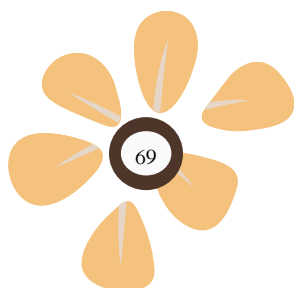
O coveiro perguntou se queriam que abrisse o caixão e ela respondeu que “sim”. Quando o caixão foi aberto, todos que estavam naquele momento suspiraram. Noah era lindo! Foi a primeira vez que ele era visto sem tubo, desinchado.

Carolaine passou a mão nele todinho e se despediu:

- Vai com Deus, filho.

O pastor fez uma breve cerimônia com oração e com a música “Porque Ele vive”. Era hora de enterrá-lo.

Naquele momento, Carolaine foi tranquilizada pelo Espírito Santo e foi a vez dela de consolar John, que chorava muito. Dentro daquela jovem mãe existia a esperança, a esperança de encontrar seu filho novamente.



Processo do luto

Após a morte do Noah, em janeiro de 2020, John teve que retornar para as Forças Armadas, o que fez o processo de luto de Carolaine ser solitário. Apesar de morar com a mãe e as irmãs, ninguém entendia a sua dor, de fato. Apenas John.

A partir daí, Carolaine começou a se isolar no quarto e teve um quadro de depressão. Ela dizia que não queria mais viver, que não tinha um motivo para viver, porque seu filho tinha ido embora.

Mesmo distante, por meio das ligações e mensagens, John a ajudou bastante a passar por isso. Ele sempre conversava muito com ela, dava muito apoio, palavra de conforto. Era uma ajuda mútua.

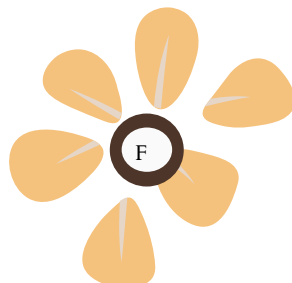
Ainda assim, Carolaine teve momentos de crises no começo do luto. Ela começou a pensar em engravidar novamente, porque queria amamentar, queria viver tudo que tinha planejado viver com o Noah. Era uma quebra de expectativa, uma frustração. Mas ela sabia que esse era o plano de Deus e realmente não tinha o que fazer. Ela poderia se matar, fazer tudo e nada traria seu filho de volta.

Com o tempo, aprendeu a lidar com todo esse processo, com tudo o que aconteceu com ela. Foi se acostumando com a saudade, com a situação.

Sua relação com Deus a fez sentir confortada desde o início, apesar da dor. Ela não ficou se perguntando o porquê de Ele ter levado seu filho, ou ficou com raiva, ou algo do tipo.

Em 2020 ela retornou para a faculdade, já que tinha trancado por conta da gravidez e essa volta a ajudou muito. Mesmo assim, Carolaine acredita que seu luto vai ser para o resto da vida.

Ela aceitou os planos de Deus, mas não há um dia que ela não se lembre do Noah e não sinta a dor da perda.





Carolaine e Noah.

Como prosseguir?



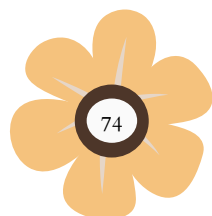
Um ponto em comum aparece nos relatos de Débora, Geane, Juraci, Aracelli e Carolaine: a perda de um filho é impossível de ser superada. O que as mães em luto tentam é, com o tempo, aprender a conviver com a saudade dilacerante.

Além disso, cada uma delas passou por essa situação de uma forma particular. Algumas permaneceram mais tempo no processo de dor profunda e abatimento, deixando de tocar a própria vida por não verem sentido nas coisas. Outras, mesmo com muita dor, tomaram com mais rapidez a decisão de seguir sua jornada.

Decidi conversar com o psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho, formado pela Universidade de São Paulo e com experiência em acompanhar pessoas que tiveram perdas (trabalhou durante muito tempo dando assistência a pacientes e familiares em luto, no hospital universitário da USP). Essa conversa foi uma forma de entender, por meio de um olhar profissional, o processo de luto materno.

A primeira coisa que Ronaldo me destaca é que realmente não é possível entender o luto materno como um retrato do que acontece com todas as mulheres. O processo varia muito de pessoa para pessoa. “Depende muito de como ocorre e quando ocorre a morte do filho: se é um feto, um bebê, uma criança, um adolescente, um jovem ou adulto, se é uma morte abrupta, inesperada, um suicídio, um homicídio, um acidente, uma doença ou uma morte natural”, salienta.

Algumas mortes são mais fáceis de serem digeridas, porque há o entendimento de que faz parte do fluxo da vida (uma hora todos iremos morrer), enquanto outras são sentidas como se a pessoa fosse tirada de nós fora da hora. Esses são os lutos mais difíceis de serem assimilados. “Em caso de ‘morte invertida’, quando os filhos morrem antes dos pais, ocorre uma sensação de que algo está errado no fluxo natural da vida e quase sempre os pais se culpam pela morte”, diz.



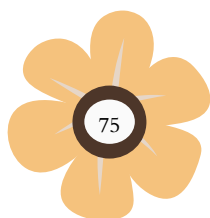
Ao mesmo tempo, a religião das pessoas e como ela opera nestes momentos deve ser considerado como um facilitador ou um dificultador do processo. Ronaldo também ressalta que é preciso considerar a quantidade de filhos que a pessoa tem, o sentido da maternidade para ela, suas condições concretas de cuidar desse filho, sua relação com ele.

“É necessário atentar-se para o sentimento de culpa que a mãe pode estar sentindo, mesmo não tendo nenhuma responsabilidade. Em alguns casos, esse sentimento é tão forte que a mãe se recusa a procurar ajuda psicológica por achar que merece sofrer, como forma de mitigar essa culpa”, complementa.

Ocorre que o sofrimento nunca diminui a culpa e, por fim, essa mãe pode acabar adoecendo. O psicanalista ainda diz que qualquer que tenha sido o motivo da morte é importante que a mãe saiba que ela tem o direito de cuidar do seu sofrimento e que isso não significa que ela não ame seu filho. “Ela não abandonará o filho se cuidar de si mesma”, diz.

Outro ponto importante que deve ser considerado é o quanto essa perda pode abalar o sentimento de confiança de que essa mulher pode ser uma boa mãe, o que pode gerar uma atitude reativa em relação ao cuidado com outros filhos, ou mesmo netos. “A mulher pode se tornar superprotetora ou mesmo excessivamente ansiosa”, explica.

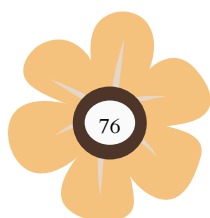
Ainda há a depressão. Segundo Ronaldo, não existe uma fórmula infalível para que a mãe não passe por esse problema durante o luto. E, para cuidar o quanto antes de um quadro depressivo, é importante que o método psicanalítico faça uma investigação minuciosa, apontando alguns elementos a serem considerados em cada caso. “Ao falar, a pessoa enlutada vai reconstruindo a história dessa relação com quem morreu. Ao configurar essa história singular, é possível verificar o que nela não se encaixa direito, o que



nela é mais sofrido, o que é a fonte de angústia e desespero, o que pode dificultar o luto e transformar-se em depressão”, esclarece.

Ronaldo também pontua que o luto tem características muito parecidas com a depressão, mas consiste num período em que o recolhimento do mundo deve ser entendido como natural. É o momento de cuidar do que é importante para, aí sim, posteriormente, abrir-se para o novo. Quando o luto não pode ser elaborado, quando a pessoa não se permite se desligar desse sofrimento por algum motivo, pode-se ter como resultado um quadro depressivo.

Segundo o psicanalista, para que a mãe siga a vida após a perda de um filho é necessário que ela faça terapia. É importante que ela entenda que pode e deve cuidar de si, que sofrer não tem nada a ver com amar seu filho ou não o abandonar. A culpa não trará a pessoa de volta.



O livro “Pedaço De Mim: Histórias de Mães Que Perderam Seus Filhos” traz os relatos de cinco mães que vivem o luto materno. Além disso, traz um olhar profissional, de um psicólogo, que ajuda o leitor a entender mais a fundo sobre esse processo.

Com uma escrita cheia de detalhes e narrativas emocionantes, “Pedaço De Mim: Histórias de Mães Que Perderam Seus Filhos” tem o objetivo de mostrar o sentimento de mães enlutadas, bem como compreender o luto materno de uma forma mais íntima.

Sua leitura é proveitosa não só para as mães que passaram por essa perda, mas para suas redes de apoio e para aqueles que querem saber mais sobre esse assunto.

